



ISSN 1980 – 1742

Revista

Santa Rita

Ano 04 – Número 08 – Verão de 2009

Copyright by autores

Todos os direitos desta edição estão reservados

Revista Santa Rita

Ano 04, Número 08, Verão de 2009

ISSN 1980-1742

Ficha Técnica

Diretor Geral da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia	Annunciato Storopoli Neto
Diretor Acadêmico	Roberto Pepi Contieri
Conselho Editorial	Eduardo Satochi Uchida Fernando de Almeida Santos Helder de Jesus Dias José Aparecido dos Santos Luiz Carlos Magno Nelson Rodrigues Netto Noeli Mercedes Mussolini Tais Cecília dos Santos Lima
Corpo Editorial	Ismar Vicente Edson Fernandes Walter Montagna Filho
Editor	Rafael Annunciato Neto
Editoração	Rafael Annunciato Neto
Revisão	Thais Rabello
Capa	Terraço do Café à Noite por Vicent van Gogh - 1888. Acessado em 11/02/2010, wikipedia.org

FACULDADE
santa rita

Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia

Unidade Jaçanã: Avenida Jaçanã, 648 – Jaçanã

São Paulo – SP – CEP 02273 001

<http://www.santarita.br>

Telefone (11) 2241 0777

Permitida a reprodução desde que citada a fonte

ESPERANÇA

Rafael Anunciato Neto



Capa

Terraço do Café à Noite, o nome completo é *O Terraço do Café na Place du Forum, Arles, à Noite*, é uma das mais famosas obras do pintor holandês Vincent van Gogh. A tela foi finalizada em setembro de 1888, sete meses após a chegada de Vincent à cidade de Arles, no sul da França, vindo de Paris. Como o próprio pintor observou em uma carta dirigida à sua irmã Wilhemina, embora se trate de uma paisagem noturna, caracteriza-se pelo uso de cores mais vivas. Podem ser encontradas semelhanças, principalmente em relação à perspectiva e ao uso das cores, com *Avenida Clichy: Cinco Horas da Tarde*, obra de 1887 do francês Louis Anquetin. De fato, os dois artistas conviveram durante um tempo em Paris, onde travaram amizade e influenciaram-se mutuamente no desenvolvimento de diferentes técnicas de pintura. A tela costuma ser comparada com outras duas de Van Gogh que também retratam um céu estrelado: *Noite Estrelada Sobre Ródano* (1888) e *A Noite Estrelada* (1889). O mesmo vale, também, para o seu *Retrato de Eugene Boch* (1888). Ainda hoje o café da pintura pode ser encontrado no mesmo local, sob o nome de "Café Van Gogh". No início dos anos 90, sua fachada foi pintada em tons de verde e amarelo, aproximando-a da forma com que é vista no quadro
Fonte: Wikipédia – acessado em 11/02/2010.

Iniciamos esta década com a certeza que os resultados das ações sociais e o controle econômico irão provocar uma mudança no cenário brasileiro.

Os primeiros sinais de crescimento sustentável podem ser observados, mesmo com os reflexos da crise americana. No campo diplomático e político pode-se destacar a participação do Brasil nos fóruns econômicos, a confirmação das Olimpíadas e a Copa do Mundo no Brasil que deixarão um legado esportivo e social sem precedentes para as futuras gerações.

O crescimento econômico apesar das sucessivas crises políticas está ocorrendo, entretanto para que ele se consolide é necessário formar cada vez mais profissionais qualificados. O emprego, para ser criado na quantidade adequada, requer que a população mude seu comportamento, deixando de esperar as ações governamentais e ir à luta. A sociedade brasileira mostra sua maturidade quando exige a cassação de um governador e mudanças partidárias. A sociedade precisa entender que o desenvolvimento econômico e social se faz pela educação.

A educação não pode ser depositada nas mãos dos governantes, não pode ser entregue como um cheque em branco. A educação é o bem maior de uma sociedade que a partir de suas decisões pode trilhar um futuro, partilhado para o bem comum.

A educação tecnológica é uma resposta energética às expectativas econômicas quanto à formação profissional, mas deve ser usada com moderação, pois a universidade não pode ser subserviente ao mercado.

A universidade deve formar pessoas qualificadas para o mundo do trabalho, implicando cada vez mais no aprimoramento do ensino, pesquisa e extensão.

O ensino não pode ser visto apenas como um processo de informação, mas de formação integral, envolvendo o desenvolvimento de competências, ou seja, partilhando conhecimento, aprimorando habilidades e mudando comportamentos.

Nossa sociedade precisa de exemplos positivos para que nossos jovens tenham modelos para seguir e estabelecerem uma curva virtuosa de crescimento.

SUMÁRIO

ARTIGOS.....	5
O TERCEIRO SETOR E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO.....	5
E-LEARNING NAS ORGANIZAÇÕES	10
A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E O MEIO AMBIENTE.....	25
INFÂNCIA E INDÚSTRIA CULTURAL: A ERA DO CONSUMISMO E DA CULTURA DESCARTÁVEL.....	32
MNEMOSÝNE E LÉTHE PARA A MITOPOIÉISIS DA LINGUAGEM.....	39
ENSAIO	45
GRAMÁTICA DA FANTÁSIA: O SURREALISMO NAS AULAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO	45
RESENHAS	50
NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO	50
À DISTÂNCIA	50
NORMAS EDITORIAIS PARA PUBLICAÇÃO.....	52

ARTIGOS

O TERCEIRO SETOR E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO

Raquel Prestes

Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
Aluna do 9º Semestre do Curso de Direito

Prof. Fabiano Menezes

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
Doutorando em Direito Internacional e Mestre em Direito

Prof. Helder de Jesus Dias

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
Coordenador de Curso de Direito
Mestre em Direito

RESUMO: Trata de uma análise sobre o ponto de vista jurídico em relação ao terceiro-setor, principalmente quanto ao trabalho voluntário destinado ao atendimento de pacientes em hospital público na cidade de São Paulo. O trabalho utilizou a técnica de entrevista não-diretiva, as informações foram colhidas dos sujeitos a partir de um discurso livre. É uma pesquisa participante pois o pesquisador, observando os fenômenos realizados por uma entidade, participa da vivência dos sujeitos envolvidos na situação.

PALAVRAS-CHAVE: Terceiro-Setor, voluntariado, trabalho voluntário, hospital público, saúde pública, associação, fundação, Ong's, institutos.

TITLE: The third-sector and its contribution in public health in the City of São Paulo

ABSTRACT: This work is an analysis, from the legal point of view, about the third-sector, especially in relation to volunteer workers that take care of patients on public hospitals in the city of São Paulo. The study used the technique of non-directive interview, where the information was gathered from the people that work in the Volunteer Program, always from a free speech, and is also a participant research where the researcher, observing the phenomena made by an entity, participate in the experience of persons involved in the situation.

KEYWORDS: Third-sector, volunteer work, public hospital, public health, association, foundation, ONGs, institutes.

INTRODUÇÃO

O Estado, como ator responsável por administrar e operacionalizar as necessidades básicas de uma sociedade terá sempre seu papel questionado nessa sua atuação. Quando ocorre alguma insuficiência do Estado, a população, de forma organizada, poderá agir na busca de soluções para seus problemas sociais, que, de certo modo ou não, são distribuídos pelo Estado. É nessa busca que a sociedade civil tem a oportunidade de tornar-se um ator relevante, organizando-se por meio de associações, fundações, ONGs e qualquer outra atividade que possa complementar a possível ausência ou insuficiência do ator principal: o Estado.

A idéia de escrever este trabalho surgiu na disciplina Direito e Gestão do Terceiro Setor, do curso de Direito da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia, como forma de avaliação. Os alunos

foram incentivados a efetuarem visitas em uma instituição da sociedade civil e, em seguida, desenvolverem um trabalho prático.

Partindo daí, em virtude da participação da aluna no Programa Jovens Acolhedores, desenvolvido pela Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo, surgiu o presente trabalho.

No programa, os estudantes prestam atendimento nos hospitais do Estado à população que procura a rede pública de saúde. Esse atendimento consiste no acolhimento humanizado do paciente e prestação de diversas orientações sociais, ajudando-o, visto que muitos pacientes, sozinhos e sem as mínimas condições financeiras, procuram o serviço de saúde.

Por participar do Programa Jovens Acolhedores há três anos, a aluna já vinha observando o trabalho dos voluntários integrantes da Associação do Voluntariado do Mandaqui dentro do conjunto Hospitalar do Mandaqui, que recebeu no mês de setembro de 2008, o prêmio "Hospital

Amigo do Meio Ambiente”. Esse prêmio foi em decorrência da criação do Centro de Convivência Infantil, onde, entre outras coisas, são ensinadas às crianças sobre a responsabilidade com o Meio Ambiente e com a preservação da natureza.

É em razão dessa experiência acadêmica e prática foi possível formular a pergunta central deste trabalho: A participação dos voluntários nas instituições de saúde pública é uma questão de ausência ou insuficiência do Estado? Para responder essa questão, o trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte, analisou-se a origem histórica do terceiro setor. Em seguida, foi examinada a descrição legal das organizações que atuam na sociedade civil como as sociedades, associações e fundações. Por último, apresentou-se a pesquisa de campo na Associação do Voluntariado do Mandaqui.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a aplicação de uma entrevista não-diretiva, onde as informações foram colhidas dos sujeitos a partir de um discurso livre, e também uma pesquisa participante, momento em que o pesquisador observando os fenômenos realizados por uma entidade, participava da vivência dos sujeitos envolvidos na observação e interagiam com eles no acompanhamento das atividades por eles desenvolvidas. (SEVERINO, 2007, p. 120).

1. ORIGEM HISTÓRICA DO TERCEIRO SETOR

Das necessidades sociais, onde o Estado já não mais conseguia atuar, surgiram as organizações de pequenos grupos da sociedade, que tentavam suprir tais falhas através de ações que visavam atender carências da sociedade em função das mudanças ocorridas ao longo do tempo. Surgia assim, um movimento social denominado Terceiro Setor. Esse movimento passou a ocupar um papel no setor público, justamente onde o Estado não conseguia atuar, para aliviar as carências da sociedade. No Brasil, esse movimento passou a ganhar força na década de 70. Isso só foi possível graças a democratização da sociedade, pois é a democracia que permite à sociedade se organizar e agir livremente.

A denominação Terceiro Setor se deu por algumas razões: inicialmente porque seus participantes não estão ligados aos serviços prestados obrigatoriamente pelo Estado, a este pertence à denominação de Primeiro Setor; depois porque seus integrantes não buscam o lucro, palavra inerente ao sistema capitalista, determinado de Segundo Setor. Assim, o Terceiro Setor é composto de associações e/ou fundações que são

as denominações mais importantes. Outros nomes são também utilizados como ONG, Instituto, Movimento etc.

O único requisito comum a todas essas entidades é justamente a falta da finalidade de obtenção de lucros com suas atividades. Ou seja, para que uma entidade se caracterize como integrante do Terceiro Setor, sua finalidade deve ser exclusivamente social. Atualmente, a importância do Terceiro Setor é comprovadamente reconhecida se levarmos em conta o esgotamento do Estado e o enorme déficit social do País (SILVA, 2009, p.1).

A análise das relações entre democracia e Terceiro Setor, leva à seguinte pergunta: Qual é a importância da democracia para o Terceiro Setor, para as fundações? Trata-se de requisito fundamental para que as fundações possam atuar, pois seriam inimagináveis essas atuações em regimes autoritários ou ditatoriais. Trata-se de incentivar os cidadãos a participarem de forma voluntária e organizada nessas organizações da sociedade civil (FALCÃO, 2006, p.50).

A sociedade civil encontra hoje, a difícil tarefa de ampliar a sua participação nos processos decisórios de suas cidades, e por isso, as fundações, associações, ONGs e múltiplas entidades se engajam plenamente nessa tarefa (FALCÃO, 2006, p.51).

A participação dos indivíduos e das instituições da sociedade civil nas decisões político-administrativas não se confunde com o controle público exercido por esses mesmos sujeitos. A participação antecede a tomada de decisão (REGULES, 2006, p.40).

No artigo 204, inciso II da Constituição Federal temos que as ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com base na participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações, em todos os níveis.

Art. 204. As ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com recursos do orçamento da seguridade social, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes:

I - descentralização político-administrativa, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estadual e municipal, bem como a entidades beneficentes e de assistência social;

II - participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis.

Parágrafo único. É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

I - despesas com pessoal e encargos sociais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

II - serviço da dívida; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

Conforme Regules orienta (2006, p. 44):

O modelo colaborativo na Administração Participativa refere-se ao terceiro setor (conjunto de agentes e iniciativas particulares de interesse coletivo distinto do Estado e do mercado), que se encontram integradas às ações encampadas pelo Poder Público regidas umas e outras pela idéia de colaboração entre as partes.

2. SOCIEDADES, ASSOCIAÇÕES E FUNDAÇÕES

É o atual Código Civil brasileiro quem traz a definição sobre as personalidades jurídicas de direito privado. Estes são determinados pelo artigo 44 do referido diploma legal e diz que as pessoas jurídicas de direito privado são:

- I – as associações;
- II – as sociedades;
- III – as fundações;
- IV – as organizações religiosas;
- V – os partidos políticos;

Nos artigos seguintes, entre os artigos 45 e 69 do Código Civil, estão definidas as características de cada uma dessas entidades. Para o estudo deste trabalho, as associações e as fundações são os itens mais importantes, pois que as sociedades, as organizações religiosas e os partidos políticos, são regidos por disposições específicas em lei.

Conforme Pereira: “o que interessa destacar, é que o nosso direito positivo garante a liberdade associativa plena para fins lícitos e a liberdade de destinação do patrimônio para uma finalidade específica definida pelo instituidor” (2007).

Essa liberdade está encartada na Constituição Federal. São consideradas organizações da sociedade civil as instituições propriamente privadas, sem fins lucrativos; as que se destinam a atender as necessidades específicas e essenciais da sociedade. Estão preocupadas com o homem, interessadas em sua preservação e, com isso,

promovem o seu desenvolvimento e evolução (FURTADO, 2007).

3. ESTUDO DE CASO: ASSOCIAÇÃO DO VOLUNTARIADO DO MANDAQUI

3.1. Breve História Sobre o Conjunto Hospitalar do Mandaqui

O Hospital Mandaqui foi fundado em 01 de Dezembro de 1938, foi também o primeiro hospital governamental especializado em tuberculose instalado no Estado de São Paulo. O hospital funcionou inicialmente em três pavilhões com capacidade de 100 leitos destinados a adultos, posteriormente aumentados com as instalações de novos pavilhões até atingir em torno de 450 leitos. Atualmente o Conjunto Hospitalar do Mandaqui é referência para politraumatizados da Zona Norte de São Paulo. (Disponível em www.hospitalmandaqui.com.br).

3.2. Identificação do Perfil Organizacional

A Associação do Voluntariado do Mandaqui é uma associação que foi fundada no ano de 1995 através da idéia de um médico chamado Dr. Duarte Vicente. Seu Estatuto Social de abertura foi registrado em cartório e após obteve sua inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ. Sua diretoria é composta por: Presidente, pela Vice-Presidente, Segunda Vice-Presidente, tesoureiro, Segunda tesoureiro, Secretária e Segunda secretária. A diretoria é eleita para dois mandatos de dois anos cada.

Atualmente conta com 145 voluntários, trabalhando em todos os setores do Conjunto Hospitalar do Mandaqui, especialmente nos setores onde há atendimento direto ao paciente, como no prédio do pronto socorro, no prédio do ambulatório e no prédio do pronto socorro infantil. Possui o horário de funcionamento das 09h00min às 17h00min de segunda à sexta-feira. Além dos requisitos legais para a abertura, a Associação também é regida pela Lei n. 9.608/98 que regula o trabalho voluntário. Todos os voluntários assinam o Termo de Adesão ao Serviço Voluntário preenchendo dados pessoais e constando os dados da Instituição onde prestará o trabalho, bem como as atividades que o voluntário irá desempenhar.

O artigo 1º da referida lei, define que trabalho voluntário é:

A atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive, mutualidade.

Alguns tópicos são importantes para validar a existência do voluntariado. São eles:

- O voluntário deve ser pessoa física;
- Não pode haver remuneração, ou seja, não pode haver contrapartida de qualquer espécie pelo trabalho realizado;
- O serviço deve ser prestado a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada sem fins lucrativos;
- E, conforme o artigo 2º da referida lei, deve haver um termo escrito de adesão, em que conste o objeto e as condições do trabalho a ser prestado;

3.3. Missão e Valores

A missão da Associação do Voluntariado do Hospital Mandaqui é estar junto ao paciente, por isso, a humanização no contato com todos os pacientes do Conjunto Hospitalar. É valorizado o acolhimento à pessoa, estando ela em condição de paciente ou de familiar. Apesar da proximidade, aos voluntários é vedado prestar qualquer tipo de atendimento técnico, seja no âmbito da enfermagem, seja no âmbito médico. Essa proibição é importante, valendo salientar que tais voluntários não se equiparam, em momento algum, no desenvolvimento de suas atividades, ao funcionário público. A Associação não recebe nenhum tipo de financiamento. A ela, é permitido desenvolver parcerias e, em um exemplo atual, pela primeira vez, recebeu verbas de uma Universidade privada para a compra de cadeiras de rodas especiais.

A Universidade em questão é a Uninove e fez sua doação para a compra dessas cadeiras de rodas através da primeira parceria feita com a Associação ao longo desses anos de existência. Assim, toda a renda existente na Associação, provém de um bazar que as voluntárias formaram dentro do espaço físico onde funciona esse voluntariado. Esse espaço é conhecido como “A cada das voluntárias” e por questões de identificação, trata-se de um prédio pintado na cor rosa, que simboliza a cor da Associação.

Conforme ressaltou a presidente da Associação Sra. Marilda da Rocha Kaiser, “a população que é beneficiada pelo atendimento dos voluntários acredita que esse seja um serviço patrocinado e fornecido pelo governo de São Paulo. Não sabem que se trata de um trabalho voluntário e independente”.

3.4. As Atividades

Os voluntários dessa Associação executam vários tipos de atividades e entre elas podemos ressaltar

desde as mais simples, como uma informação ao usuário como as mais complexas que são a promoção e a organização de festas em dias comemorativos, como o dia das mães, o dia das crianças, o dia dos pais etc.; organizam-se e entregam lanches para os pacientes que, geralmente, vêm de muito longe e não possuem condições de se alimentar; emprestam muletas, andadores, cadeiras de rodas, bengalas, enfim, tudo o que é necessário para amenizar as necessidades de muitos pacientes.

Nessa visita, a presidente informou que a Associação dispõe de uma brinquedoteca no pronto socorro infantil para uso das crianças enquanto aguardam suas consultas. Nesse espaço, a Associação disponibiliza, por sua conta, brinquedos, material, folhas de desenhos para que as crianças possam pintar e desenhar. O atendimento gira em torno de mil pacientes ao mês.

A presidente da Associação acredita que, caso não existisse esse serviço voluntário, as necessidades dos pacientes seriam triplicadas.

3.5. Exemplos de Casos Atendidos pelos Voluntários

Para o atendimento ambulatorial ou hospitalar a um morador de rua, é preciso, por causa de suas condições de higiene, preparar um bom banho e trocar suas roupas por limpas doadas pela comunidade. Com isso, as voluntárias doam artigos de higiene, como sabonete, xampu, etc.

Se qualquer pessoa é socorrida ao pronto socorro e após a alta hospitalar precisa de muletas para usar por indicação médica, as voluntárias fazem o empréstimo gratuito, colhendo apenas os dados da família para quem está sendo emprestado o material. Curiosamente, a maioria das pessoas se compromete a devolver o material na data combinada, mas infelizmente, nem sempre isso acontece.

Da mesma forma, se alguém é socorrido no Pronto Socorro e não possui meios de ir embora sozinho após a alta hospitalar, ou por não ter dinheiro ou porque a família não pode vir retirá-lo, as voluntárias providenciam vale transporte para que esse paciente chegue ao seu destino.

Aos pacientes internados nas enfermarias do hospital, caso não possuam familiares ou a família não possui condições, é tarefa das voluntárias doar produtos de higiene (sabonete e xampu) para que o paciente tenha um pouco mais de conforto.

Aos pacientes que vêm de muito longe e não possuem condições financeiras, as voluntárias

doam lanches, frutas provendo sua alimentação. Tudo conseguido com as verbas revertidas das vendas realizadas no Bazar das Voluntárias.

Existe uma voluntária especial que é chamada de DOULA¹. Essa é a voluntária que pode permanecer junto à parturiente no momento do parto. Para adquirir o título de DOULA a voluntária necessita fazer um curso preparatório de um ano. Nele vai aprender sobre técnicas básicas de parto, para poder permanecer na sala de parto no momento do nascimento do bebê, caso os familiares não possam estar com a gestante nesse momento.

4. CONCLUSÃO

Como foi possível observar, o Terceiro Setor é um fator importante na sociedade. É inegável que sua existência derive do desejo da própria sociedade em se manter solidária. As entidades que compõem o Terceiro Setor são a “mão invisível” que acolhe, que ajuda, que minimiza, que prioriza as dificuldades. É a demonstração real da democracia exercida pelo povo dentro de seu território. Não se pode deixar de acreditar que é inerente ao ser humano o desejo de melhorar, pois se assim não fosse, viveríamos ainda na época das cavernas.

O que ocorre é que o Estado, como ator principal, não consegue realizar todas as ações necessárias para satisfazer plenamente o desejo de melhoria do seu povo. Se, por um lado, o Estado apenas acompanhou essas mudanças como um espectador, por outro lado as pessoas perceberam que não podem esperar que o Estado consiga resolver todos os seus problemas. É nessa situação que o Terceiro Setor entra para atuar em uma área que o Estado deixou a desejar.

No entanto, não se pode dizer que o Estado é totalmente ausente de suas obrigações principais, e sim, que sua atuação é insuficiente no atendimento das necessidades da sociedade. Na pesquisa de campo efetuada na Associação do Voluntariado do Hospital do Mandaqui, foi constatado que o Estado propicia saúde ao cidadão. Põe à disposição da população todo um conjunto hospitalar e seus benefícios e isso comprova que o Estado não está ausente.

Respondendo à pergunta inicial proposta neste trabalho: A participação dos voluntários nas

instituições de saúde pública: ausência ou insuficiência do Estado? A resposta que mais plausível é a de que o Estado é insuficiente no atendimento a todas as necessidades de uma sociedade. A sociedade cresceu e o Estado não pode ser o único ator responsável por resolver todos os seus problemas. Cabe, portanto, a sociedade civil organizada atuar para minimizar os impactos deixados pela insuficiência do Estado. Na realização deste trabalho foi possível observar que, além da prestação do serviço de saúde, onde o Estado está presente, o paciente precisa de outras necessidades que, no momento, só podem ser atendidas pelo Terceiro Setor.

BIBLIOGRAFIA

- CONJUNTO HOSPITALAR DO MANDAQUI. Disponível em: <http://www.hospitalmandaqui.com.br/home> - acesso em 08/11/2009.
- FALCÃO, Joaquim. **Democracia, Direito e Terceiro Setor**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- FURTADO, Isabelle. **Dificuldades e Deficiências na Gestão Organizacional no Terceiro Setor**. Disponível em: <http://integracao.fgvsp.br/ano10/08/administrando.htm> - Acesso em 25/09/2009.
- PRO BONO, Instituto. **Manual do Terceiro Setor**. São Paulo – SP.
- PEREIRA, Rodrigo Mendes. **Conceitos, Características e Desacordos no Terceiro Setor** – Disponível em <http://integracao.fgvsp.br/ano10/05/administrando.htm> - Acesso em 25/09/2009.
- REGULES, Luis Eduardo Patrone. **Terceiro Setor: Regime jurídico das OSCIPs**. São Paulo: Ed. Método, 2006.
- SILVA, Arcênio Rodrigues. **Origem Do Terceiro Setor No Brasil** – Disponível em: <http://www.apf.org.br/portapaf> – acesso em 07/11/2009.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Ed. Cortez, 23^a ed. rev. e atual, 2007.
- Pesquisa de Campo:**
Entrevista realizada em 26/10/2009 com a presidente da Associação do Voluntariado do Mandaqui, Marilda da Rocha Kaiser.

Notas

¹ É uma palavra grega que significa “servir à gestante”

E-LEARNING NAS ORGANIZAÇÕES

Rafael Annunciato Neto
Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
 Mestre em Educação

RESUMO: A educação à distância está rapidamente substituindo a educação tradicional recriando o educacional nas organizações. O objetivo geral deste trabalho é identificar as tendências do *e-learning*¹ como estratégia de desenvolvimento humano, por meio da demonstração de como ele pode contribuir para a gestão de pessoas e gestão estratégica de treinamento e desenvolvimento dos recursos humanos. Foi atendido na medida em que se estabeleceu a sua importância para as organizações. O fato central é que as tecnologias estão flexibilizando a elaboração do treinamento e estão convergindo para os espaços virtuais. A educação, por meio de mídias conectadas está cada vez mais presente no dia a dia, a internet é usada largamente para a realização dos cursos, criando uma nova forma de vantagem estratégica para as organizações.

PALAVRAS-CHAVE: *E-learning*, educação à distância e espaços virtuais.

TITLE: *E-learning in organizations*

ABSTRACT: *Distance education is rapidly replacing the traditional rebuilding the educational organizations. The objective of this work to identify trends in e-learning a strategy for human development, through the demonstration of how it can contribute to people management and strategic management training and human resource development. He was assisted in that it has established its importance for organizations. The central fact that the technologies are easing the development of training and are converging to the virtual spaces. Education through media connected is increasingly present in everyday life, the Internet is widely used for the courses, creating a new form of strategic advantage for organizations.*

KEYWORDS: *E-learning, distance education and virtual spaces.*

INTRODUÇÃO

O tema Educação a Distância tem me acompanhado nestes últimos anos, desde o surgimento dos primeiros programas de treinamento empresarial, por volta de 1997. Nesta época, o *e-learning* era uma ficção, as organizações não possuíam informações sobre a sistemática, não existiam sistemas disponíveis e a novidade invadia as organizações, com a proposta de diminuição dos custos operacionais.

A internet estava se consolidando no mercado brasileiro, a banda larga era disponível para algumas empresas e o ambiente mais favorável para a realização dos cursos era a intranet, onde se disponibilizava os pacotes importados de treinamento, muitos sem atender a realidade brasileira. O que havia eram cursos traduzidos do inglês para a formação e qualificação profissional. A linha de pesquisa aberta pela ESAB de Educação a Distância e Educação Regular veio proporcionar em meu trabalho a reflexão sobre a prática do *e-learning* nas organizações, pois ele está se integrando rapidamente às estratégias empresariais, provocando um avanço significativo na gestão de pessoas. O novo foco do treinamento em função do *e-learning* está transformando gradativamente as estratégias de capacitação empresarial. Neste cenário, o treinamento tradicional cede espaço para se recriar o espaço educacional nas organizações.

O objetivo geral deste trabalho é identificar as tendências do *e-learning* como estratégia de desenvolvimento humano, por meio da demonstração de **como o e-learning pode** contribuir para a gestão de pessoas e gestão estratégica de treinamento e desenvolvimento dos recursos humanos. A abordagem da pesquisa foi a utilização do método dedutivo, partindo do conhecimento da Educação à Distância, da Educação Corporativa e da Gestão de Pessoas. Os propósitos da pesquisa foram alcançados, através realização de pesquisa documental e bibliográfica com a finalidade de apresentar um quadro teórico sobre *e-learning* nas organizações.

1. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Desde seu nascimento até sua morte, o ser humano vive em constante interação com seu meio ambiente, recebendo e exercendo influências em suas relações com ele. A educação é um dos elementos que determinam a formação de uma pessoa. Pode ser fruto do meio onde vive ou ser intencional estabelecida por meio de uma escola que tem o papel enriquecer ou modificar seu comportamento dentro dos seus próprios padrões pessoais.

A educação pode ser institucionalizada e exercida de modo organizado e sistemático, assim como nas escolas e igrejas obedecendo a um plano preestabelecido, ou pode ser desenvolvida de modo difuso, desorganizado e assistemático,

como no lar e nos grupos sociais a que o indivíduo pertence, sem obedecer a qualquer plano preestabelecido. A educação é o preparo para a vida e pela vida. Pode-se falar em tipos de educação, a saber: educação social, religiosa, cultural, política, moral, profissional etc. Neste capítulo será destacada a educação profissional que visa ao preparo do homem para esse campo de atuação. Compreende três etapas interdependentes, mas perfeitamente distintas:

- Formação profissional: é a educação profissional que prepara o homem para uma profissão.
- Aperfeiçoamento ou desenvolvimento profissional: é a educação profissional que aperfeiçoa o homem para uma carreira dentro de uma profissão.
- Treinamento: é a educação profissional que adapta o homem para um cargo ou função.

A Formação profissional é a educação institucionalizada ou não, que visa qualificar, preparar e formar o homem para o exercício de uma profissão, em determinado mercado de trabalho. Seus objetivos são amplos e mediatos. Trata-se de um curso que pode ser oferecido nas escolas (como os cursos de 1º, 2º e 3º graus) e nas próprias empresas.

O Desenvolvimento Profissional é a educação, visa ampliar, desenvolver e aperfeiçoar o homem para seu crescimento profissional em determinada carreira na empresa ou para que se torne eficaz, eficiente e produtivo no seu cargo. Seus objetivos são menos amplos que os da formação e situação no médio prazo, visando proporcionar ao homem os conhecimentos que transcendem o que é exigido no cargo atual, preparando-o para assumir funções mais complexas.

O Treinamento é a educação profissional que visa adaptar o homem para determinado cargo. Seus objetivos são de curto prazo, restritos e imediatos, visando dar ao homem os elementos essenciais a fim de prepará-lo para o exercício de um cargo, geralmente para a área de Recursos Humanos que trabalha dentro de um conjunto de políticas subordinadas ao planejamento empresarial.

1.1. Treinamento

Treinamento é o processo educacional de curto prazo aplicada de maneira sistemática e organizada, cujo propósito é desenvolver competências e habilidades necessárias para o exercício pleno de suas funções nas organizações. Podem-se destacar três aspectos do treinamento: a) aumento de conhecimento, b) educação especializada e c) contribuir para os resultados

empresariais. Em um sentido amplo, o treinamento não é despesa, mas um investimento organizacional que pode gerar mudança de comportamento

Os principais objetivos do treinamento são:

- Preparar as pessoas para o exercício imediato de suas funções;
- Proporcionar o desenvolvimento profissional e pessoal;
- Mudança de atitude para criar um clima organizacional favorável ao trabalho em equipes e torná-los receptivos à supervisão e gerência.

O treinamento é uma responsabilidade de linha e função de staff. As atividades de treinamento são fundamentadas em políticas que reconhecem que a capacitação profissional é uma função inerente ao gestor, e que a área de Recursos Humanos tem como função apoiar no desenvolvimento de seus colaboradores.

1.2. O ciclo de treinamento

O treinamento é ato intencional de fornecer os meios para possibilitar a aprendizagem. Orienta as experiências de aprendizagem positivamente a fim de que todos os níveis da empresa possam rapidamente desenvolvê-las. O processo de treinamento assemelha-se a um modelo aberto, e seus componentes são:

- Entradas como treinandos;
- Processamento ou processos de aprendizagem;
- Saída como pessoal habilitado;
- Retroação é um processo de avaliação dos procedimentos e resultados.

2. GESTÃO DE PESSOAS E O TREINAMENTO

A gestão de Recursos Humanos ou gestão de pessoas existe de forma rudimentar desde os primórdios de 1890 e sua evolução tem tido uma trajetória diferenciada na gestão empresarial. A sua história no Brasil é destacada para contextualização os conceitos e processos gerenciais.

As empresas até meados dos anos sessenta consideravam os seus funcionários apenas como máquinas e não havia preocupação com o que eles poderiam fazer para a organização. O trabalho especializado começou a ser valorizado por volta de 1880, devido ao um crescimento significativo na habilitação profissional, sendo que o treinamento começou a despertar atenção quanto a sua importância para as organizações.

Nos anos de 1930, o treinamento se tornou uma atividade administrativa integrada à estratégia empresarial, deixando de ser apenas operacional. Em 1970, com a evolução tecnológica e o aumento da competitividade nos negócios, necessitou-se de uma contínua atualização e aprendizado, causando uma revolução na formação profissional, desta forma os programas de treinamento passaram a integrar as estratégias empresariais como metas para se obter o sucesso nos negócios.

A industrialização fez com que o homem apenas trabalhasse deixando algumas necessidades próprias de lado. Malvezzi (1999), afirma que o ser humano se sujeitou “a uma articulação racional de tarefas e propósitos sob o controle do gerenciamento” e por isso passou a ser chamado de “homem-trabalho”.

A era industrial foi responsável pela criação de uma nova forma de limitação para o ser humano, pois ele se submeteu a exigências da máquina, da linha de produção e de montagem. O potencial humano não foi explorado e para agravar houve uma perda considerável da qualidade de vida, por este motivo que o trabalho industrial é considerado desumano.

Administrar é um processo que deve ser monitorado com eficácia, Malvezzi (1999) afirma que esse processo de baseia em três situações, sendo elas: pelo conhecimento científico; por meio de instrumentos de transformação, controle e predição e sob o mecanismo de coordenação como é o caso da autoridade gerencial. Com base nessas teorias o indivíduo é visto como um elemento essencial para o processo de produção.

A formação profissional é que garante a competência para a sua tarefa, pois tomar posse do conhecimento especializado para realizar suas tarefas de acordo com os padrões de resultado e tempo estabelecido pelo planejamento e o que se espera do funcionário é o saber fazê-las.

Nessa época os administradores eram leigos em técnicas de aprendizagem e com isso necessitaram de ajuda de um departamento de Psicologia, que ofereciam especialistas em ciências comportamentais. Com isso se estabeleceu uma parceria com a Psicologia e desenvolveram informações seguras e instrumentos de aprendizagem, garantindo assim o controle de competência e o desempenho esperado dos funcionários com as suas tarefas, então surge a Psicologia Industrial como um suporte para a administração científica, criando instrumento que pudessem medir personalidade.

A Psicologia criou instrumentos que possibilitaram a análise das condições pessoais apresentadas pelos trabalhadores, além de indicar a necessidade de treinamento a fim de comprovar as potencialidades do indivíduo.

Malvezzi (1999) diz que o treinamento é um conjunto de atividades que proporcionam a aquisição da capacidade de realizar tarefas em decorrência dessa mudança. No início, o departamento de engenharia mostrou-se rígido para suportar pressão de mudanças e rapidez de decisão, ocorrendo assim uma defasagem na estrutura formal das tarefas e as reais.

Segundo Malvezzi (1999), em decorrência da sistematização, a formação profissional se tornou necessária não só para as fábricas, mas também para sociedade. Em 1886 as cidades industriais nos Estados Unidos, possuíam escolas particulares destinadas à capacitação profissional. As empresas e escolas começaram a trabalhar juntas para a formação profissional, iniciando um sistema de cooperação entre elas visando o enriquecimento profissional dos trabalhadores

A área de Recursos Humanos teve que mudar as suas formas de controle, passando a controlar resultados a partir dos controles dos colaboradores. Os resultados são entendidos com regulagem de tarefas a partir do compromisso, criatividade e competência. Esta prática exigiu que nos anos 90 a gestão empresarial centrasse suas ações na aprendizagem e atualização dos recursos humanos da mesma forma como nos anos 20 dependeu da racionalização das tarefas. Esta evolução da gestão das empresas do paradigma da administração científica para o desenvolvimento profissional fez com que o colaborador seja reconhecido dentro da organização pelo seu potencial.

Segundo Gil (1994) na década de 30 o Brasil foi palco de vários movimentos trabalhistas que culminaram nas Consolidações das Leis do Trabalho – CLT. As organizações foram forçadas a criar o Departamento de Pessoal para registrar e controlar o seu pessoal, controlar as pessoas que trabalham na organização, inicialmente em aspectos muitos simples como horas de trabalhos, faltas e salários. Na década de 70, o foco da área era de manter suas empresas fora dos tribunais e estar de acordo com as políticas governamentais. Enquanto em 90, as questões econômicas exigiram um novo perfil empresarial, tornando-se mais competitiva para atender os mercados globais. Atualmente segundo Marras (2000) a área possui prestígio, pois agregou vários subsistemas: Recrutamento e Seleção; Treinamento e

Desenvolvimento; Remuneração, Cargos e Salários; Higiene e Segurança no trabalho; Departamento de Pessoal; Relações Trabalhistas e Serviços Gerais. No passado, a área estava majoritariamente voltada a desenvolver operacionalmente estas atividades, focando-se basicamente em atividades burocráticas.

Tachizawa, Ferreira e Fortuna (2004) afirmam que desde a década de 90 até os dias atuais, as empresas começaram a adotar novas estratégias para poderem sobreviver. No primeiro momento, percebe-se que terceirizavam serviços e despediam funcionários a fim de tentar diminuir os níveis hierárquicos. Por esses motivos, alguns empresários resolveram inovar, eles visualizaram que os colaboradores têm que participar e discutir os problemas e o desenvolvimento da empresa.

As empresas começaram a dar atenção especial em algumas áreas como: cargos, salários e benefícios e principalmente em treinamento e desenvolvimento, mesmo assim ainda não é o suficiente. Infelizmente existem muitas empresas que não dão tanta atenção nessas áreas.

Percebe-se que a cultura organizacional deixou de privilegiar as tradições passadas e passou a concentrar-se no presente. A velha concepção de Relações Industriais foi substituída por uma nova visão de Administração de Recursos Humanos. As pessoas eram vistas como recursos vivos e não como fatores inermes de produção. A tecnologia tornou-se intensa e começaram a influenciar dentro das organizações. As mudanças estão cada vez mais rápidas e velozes, bem como as equipes estão voltadas para missões específicas e com objetivo delimitado.

Pode-se observar que nos dias atuais as empresas estão sentindo a necessidade de se ajustar ao novo método, têm visão que as mudanças estão ocorrendo em sua volta e essas mudanças são necessárias para o desenvolvimento. Com a nova economia, as empresas estão abertas e com mais competitividade, percebe-se que os produtos são oferecidos com qualidade, com boa comercialização e também uma boa divulgação.

A administração está começando a valorizar as atividades de Recursos Humanos, hoje é entendida como uma área de consultoria interna com a responsabilidade de esclarecer os critérios a serem utilizados na seleção de um candidato, planejamento ou de um treinamento.

Tachizawa, Ferreira e Fortuna (2004) afirmam que a principal base da nova administração são as pessoas, pois o gerenciamento do conhecimento, da inteligência, das habilidades, entre outras

características permite o alinhamento estratégico das empresas no mercado global.

Com o propósito de adequar as mudanças no ambiente organizacional, os colaboradores foram se adaptando e modificando o funcionamento de cada um de seus departamentos. Neste contexto, a área de Recursos Humanos também foi afetada, tendo que se adaptar cada vez mais estrategicamente e aderindo a competitividade crescente.

As empresas buscam a vantagem competitiva, centrando suas ações nas questões de mão de obra qualificada, qualidade de vida, infra-estrutura de funcionamento flexível, competitividade e globalização.

Esta nova era exige um processo de adequação nas organizações, inserindo o conhecimento como uma peça fundamental no processo produtivo. As empresas na era da informação necessitam agilidade, precisam estar adaptas para responder rapidamente às mudanças de mercado.

O profissional da área tem desafio de estimular a construção de um conteúdo saudável e harmonioso entre empresa e colaborador. O sistema de administração é relativo, pois cada empresa se apresenta de forma diferente. Nas empresas de mão-de-obra intensa e de pouca tecnologia, de construção civil e na indústria, o sistema ainda é coercitivo. Nas empresas de mão-de-obra especializada, o sistema mantém o controle do comportamento das pessoas. O sistema é aplicado de uma forma diferente em cada empresa, pois depende da concepção em que a empresa enxerga as hierarquias da organização. Segundo Chiavenato (1998) as inovações o Recursos Humanos precisam focalizar os resultados e articular seus papéis em relação ao valor que agregam.

2.1. A valorização do treinamento e desenvolvimento

Chiavenato (1998) enfatiza que para superar essas dificuldades, as organizações modernas precisam investir em treinamentos, pois pessoas motivadas apresentam uma enorme aptidão para o desenvolvimento, conduzindo o profissional ao autodesenvolvimento, buscando o trabalho em equipes multidisciplinares, bem como se adaptando as condições do trabalho, visando um bem-estar de seus colaboradores. A organização poder obter um crescimento desejável, conforme as habilidades e conhecimentos dos profissionais que atuam de forma produtiva e com envolvimento e prazer em desenvolver suas responsabilidades.

Tachizawa, Ferreira e Fortuna (2004) explicam que o treinamento é um processo sistemático que visa desenvolver competências e habilidades que promovam a melhoria e adequação do perfil dos colaboradores às exigências das organizações, ou seja, treinamento é uma atividade-chave. Os colaboradores que desenvolvem novas habilidades podem construir coletivamente os resultados organizacionais. O treinamento pode ser entendido como um instrumento para o desenvolvimento e aprimoramento de indicadores de gestão de equipes de alto desempenho.

Chiavenato (1998) afirma que o treinamento envolve um processo de quatro etapas:

- Levantamento de necessidade de treinamento (diagnóstico): avaliação dos requisitos básicos para o desenvolvimento das atividades.
- Programação de treinamento: atendimento das necessidades empresariais;
- Implementação e execução: realização do treinamento, dentro dos objetivos propostos;
- Avaliação dos resultados: verificação e medição do desempenho após a realização do treinamento.

As empresas ao assumirem a responsabilidade do treinamento dos seus funcionários, precisam definir plenamente os seus objetivos para capacitá-los. O treinamento dependendo do segmento da empresa, ele pode ser operacional, técnico ou gerencial. A finalidade de cada um é oferecer conteúdo para os colaboradores e proporcionar um processo de mudança de atitudes que geram o desenvolvimento empresarial.

Na visão de Chiavenato (1998), para proporcionar um aprendizado, há um processo de aprendizagem e estratégias definidas para as empresas: a motivação desse treinamento, ou seja, motivar o aprendizado, esclarecendo ao funcionário sobre a utilidade do que está sendo apresentado tanto para ele como para a empresa. O estudo de caso, apresentando situações do dia a dia vem a ser uma das possíveis estratégias para este treinamento motivacional valendo-se de recursos disponíveis, tais como, transparências, mapas, quadro de giz, cartazes; também por meio de rádios, discos ou audiovisuais, data-show, televisão, CDROM entre outros. Enfatiza-se que com toda essa gama de recursos pode-se obter um treinamento eficaz e produtivo.

O retorno das avaliações é importante para diagnosticar o envolvimento e melhoria naquilo que se aprende.

Os gastos com esses programas de treinamento têm sido entendidos como investimentos estratégicos, para se criar um envolvimento maior

entre os funcionários e com isso gerar um crescimento profissional de cada um e o sucesso da empresa.

Quando a empresa decide dar um treinamento é porque realmente aquele programa vai-lhe acrescentar algo, e também aos funcionários. Os custos são altos e é importante garantir um retorno eficaz, para fortalecer e desenvolver os profissionais dentro da empresa.

O levantamento das necessidades envolve o conhecimento, habilidade e capacidade do indivíduo questionando até que ponto aquela pessoa necessita de treinamento e como chegar a uma meta organizacional. Segundo Chiavenato (1998), o treinamento tem um papel fundamental na preparação e atualização do pessoal quando planejado cuidadosamente e integrado com outras atividades, tornando-se um aprendizado contínuo e interessante às organizações. É um processo educacional para gerar mudanças de comportamento. Seu conteúdo pode incluir transmissão de informações, desenvolvimento de habilidades, atividades e conceitos. Acrescenta que um planejamento eficaz com as necessidades diagnosticadas e atendidas será um caminho excelente para obter resultados esperados e positivos do treinamento oferecido. Cada vez mais os funcionários assumem responsabilidades pelas suas carreiras e as oportunidades surgem com o impulso de aprender.

A capacidade de gerenciar sua carreira é considerada hoje uma competência no mundo dos negócios, as empresas criam centros de desenvolvimento profissional e técnicas para posições futuras.

2.2. Planejamento do treinamento

O planejamento do treinamento é feito após o levantamento das necessidades, que para Chiavenato (1999) significa definir seis itens básicos: quem deve ser treinado, como deve ser treinado, em que, por quem, onde e quando, a fim de atingir os objetivos do treinamento, assim, é possível ter controle dos custos e tempo e conseqüentemente, uma maior qualidade.

Marras (2000) afirma que planejamento é uma fase que coordenação das ações de modo a priorizar quais módulos serão implementados, conforme as necessidades identificadas.

Segundo Chiavenato (1998) o planejamento exige abordar as necessidades específicas e definir claramente qual será o objetivo do treinamento para dividi-lo em módulos, pacotes ou em ciclos para determinar o conteúdo, considerando a qualidade e quantidade das informações, bem

como selecionar a metodologia de ensino adequada. Os recursos necessários e o docente são imprescindíveis para o sucesso do treinamento. Há necessidade de definir o perfil do treinando, a disponibilidade tempo e as habilidades a serem desenvolvidas, bem como o local, considerando o cargo e a época do ano a ser realizado.

O treinamento deve ser avaliado para se identificar o grau de sucesso e melhorar os pontos fracos. A avaliação do treinamento pode ser realizada em quatro níveis: a avaliação do nível organizacional – eficácia do treinamento para a empresa; a melhoria da imagem da empresa e do clima organizacional; melhora no relacionamento entre a empresa e os colaboradores; melhora no atendimento ao cliente. Uma análise eficiente da avaliação treinamento contribuirá para o alcance dos resultados esperados e desta forma os colaboradores partilharão do sucesso empresarial.

2.3. Universidade corporativa

A Universidade Corporativa é uma resposta às empresas ao ensino tradicional, é uma evolução aos modelos de treinamento, pois visa à formação continuada dos recursos humanos. Tem como propósito principal formar os quadros de colaboradores, além de oferecer cursos para a comunidade em geral, atentando para os clientes e fornecedores.

Este espaço oferece cursos presenciais e a distância, abrigando colaboradores, desenvolvendo competências e habilidades necessárias ao mundo globalizado e competitivo. Oferece fórmulas inovadoras quanto às práticas em sala de aula, utiliza de portais virtuais para desenvolver formatos e metodologias adequadas às necessidades da organização e da comunidade empresarial.

O desenvolvimento de novas habilidades e competências garante maior agilidade, flexibilidade e redução de custos, motiva seus colaboradores, clientes, fornecedores e comunidade. Como resultado, oferece aporte adequado para a gestão do conhecimento e dos talentos, alinhando-os às estratégias organizacionais.

O compartilhamento do conhecimento é uma estratégia de aprendizagem que exige a elaboração de uma rede, democratizando o conhecimento, qualificando as pessoas, compartilhando objetivos e desenvolvendo uma visão integrada do negócio. O papel do gestor é fundamental, pois ele deve garantir a integração das estratégias empresariais com as de desenvolvimento.

A Universidade Corporativa atua como um grande centro de treinamento, onde são formados os líderes e demais colaboradores da organização. É o único acesso ao conhecimento empresarial, transformando o capital intelectual em estratégia de aprendizagem para obter vantagem competitiva.

Neste contexto, o colaborador pode ser entendido como um trabalhador do conhecimento que, com as competência e habilidades desenvolvidas, tende e supera os resultados esperados.

Diferentemente da Universidade Tradicional, a Corporativa deve ajustar as demandas e as necessidades de capacitação à organização, criando normas, padrões, processos que garantam ações pedagógicas e tecnológicas.

3. E-LEARNING

As Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC estão crescendo de forma exponencial e criando grandes vias de informação, redes de comunicação no ciberespaço. Hoje todos podem acessar o conhecimento em tempo real em uma escala planetária, além de aprender coletivamente em um ambiente caótico aparentemente sem controle que está transformando rapidamente as novas vidas.

Vive-se a massificação do uso da informática, os sistemas de informação começam a fazer parte do nosso dia-a-dia a ponto, por exemplo, de se uma pessoa não conseguir manejar um terminal de auto-atendimento da rede bancária é considerada analfabeta digital.

Rosini (2007, p. 3) define que “[...] a sociedade global do conhecimento, a geração e uso de inteligência e inovações em ciência e tecnologia são os meios utilizados para agregar valor aos mais diversos produtos [...]”, exigindo cada vez mais das pessoas e dos processos de disseminação do conhecimento para gerar cada vez mais conhecimento. O desafio atual da humanidade é direcionar redes de aprendizagem e inovação que somadas com a sinergia do ciberespaço, podem criar vantagens mútuas, em que a gestão estratégica do conhecimento torna-se uma ferramenta importante para o sucesso em esfera global.

Segundo Rosini (2007, p. 5) “o indivíduo moderno deve apresentar uma capacidade sistêmica não só para a organização dos seus processos internos, que são inter-relacionados (com ou sem sistemas de informação), mas para com todo o ambiente”. Ele incentiva a educação que deve encontrar espaços e novas formas de

preparar o indivíduo para o futuro. O cenário apresentado foi desenhado, o contexto global está baseado nas propostas de Peter Drucker, Sveiby, Davenport e Prusak, autores que na década de 90 tratavam da questão do capital intelectual como um novo marco na evolução da humanidade. Os conceitos apresentados expõem a intelectualidade como o fator de produção de riqueza e desenvolvimento econômico, antes centrado nos bens de produção. Destaca-se a questão da cultura organizacional ao citar Srour, Harman & Hormann e Schein para indicar que as organizações são resistentes a mudanças e que uma nova liderança e um novo tipo de indivíduo deverá ser formado para lidar com todas estas variáveis econômicas, sociais e ambientais. Lévy (1998) apud Rosini (2007, p.49)

[...] estamos entrando na era do trabalho intensivo de equipes flexíveis e interdisciplinares, conectados por redes que vivem em espaços virtuais totalmente interativos e compartilhados; portanto, onde surge algo que poderíamos chamar de inteligência coletiva extremamente dinâmica e auto-organizada.

Rosini (2007) demonstra que se vive a incerteza em um ambiente altamente complexo, onde é preciso rever os valores humanos, religiosos, artísticos & estéticos, ecológicos, filosóficos & éticos para revitalizar a vida e a sociedade, onde o novo imperativo é o conhecimento.

O aprendizado é um elemento crucial para a sociedade e para tratá-la destaca as idéias de Senge, afirmando que o aprendizado real está diretamente relacionado com o processo gerador de vida. Destaca que a transferência do aprendizado individual para a organização e sociedade é eficiente na medida que os indivíduos tornam explícitos os seus modelos mentais.

D'Ambrosio (2001) apud Rosini (2007) define educação como uma estratégia da sociedade que conduz o indivíduo ao desenvolvimento do potencial e aperfeiçoar suas ações comuns. Destacam-se as idéias de Lévy sobre educação e cibercultura², considerando que há necessidade de analisar as relações de poder para refletir sobre os sistemas de educação. As tecnologias resultantes oferecem: formas de acesso à informação, novos estilo de raciocínio e conhecimento, em que o educador deve disseminar valores.

Apresenta-se o esforço da Unesco em estabelecer os fundamentos de uma nova educação, capaz de construir a paz por meio do respeito à diversidade. Está proposta exige uma escola como uma agência de cidadania para formar pessoas lúcidas, sem preconceitos, capazes de operar a

solidariedade. Rosini (2007, p. 59) afirma que “a educação de qualidade [...] acrescenta aos conhecimentos adquiridos um sentido ético e solidário”.

A questão do aprender a aprender é apresentada como uma capacidade que contribui para a efetivação de mudanças, principalmente quando houver novas tecnologias.

A educação a distância depende das plataformas que são desenvolvidas, devendo reformular alguns paradigmas, em particular, os relacionados com a produção do saber e sua comunicação. Rosini (p. 65) destaca “[...] estão sendo desenvolvidas soluções completas de *e-learning*, mais direcionadas para a formação corporativa” na academia, os conteúdos são produzidos pelos docentes, enquanto que nas corporações, os pacotes incluem funções de aconselhamento, consultoria e serviços de apoio.

A educação a distância é uma alternativa do processo ensino e aprendizagem que oferece um novo modelo de comunicação e de didática. Uma frente que se abre na educação a distância, é a aprendizagem colaborativa que propiciada por um ambiente centrado no aluno e no processo, enquanto que a educação tradicional é centrada no professor.

O educador do século XXI deverá transformar o seu próprio comportamento, tendo em vista que a cultura não será apenas formar, mas incentivar os alunos a uma aprendizagem participativa e evolutiva. Este novo processo deverá ser fundamentado em uma nova forma de pensar e fazer educação, considerando uma consciência coletiva que produza o saber. Os itens mais significativos a serem considerados na produção de cursos à distância são: compromissos com gestores, desenho do projeto, equipe profissional, comunicação, recursos, infra-estrutura, avaliação continuada, transparência e sustentabilidade.

3.1. Fundamentos

Atualmente, na era do conhecimento, as organizações exigem um novo perfil do trabalhador, pois elas estão saindo do padrão de produção em massa para a o modelo cujo objetivo é atender as necessidades do cliente. As organizações perceberam a urgência de desenvolver o seu capital intelectual e iniciaram a mudança de um modelo hierarquizado para um modelo de comprometimento, exigindo a auto-gestão.

Como resultado geral, os setores que recursos humanos passaram a ter a responsabilidade de transformar os seus colaboradores em pessoas

práticas, criativas, inteligentes, autônomas e talentosas, revendo por consequência os seus modelos de treinamento. Os investimentos nesta área têm proporcionado resultados satisfatórios e melhorado os ambientes de trabalho. Como consequência, as organizações criam suas universidades corporativas que visam se tornar ambientes de aplicação, descoberta e desenvolvimento de soluções tecnológicas e empresariais. Neste sentido, a educação a distância tem sido usada como uma ferramenta de desenvolvimento significativo que ambienta tecnologicamente as pessoas, além de disseminar o conhecimento, suas formas de gestão e gerar aprendizado organizacional. Os principais fundamentos são apresentados para contextualizar o ambiente empresarial onde a educação para a capacitação profissional se tornou um elemento chave para o sucesso empresarial. As práticas são apresentadas para exemplificar a sua operacionalização no mundo empresarial.

3.1.1. Cibercultura²

Segundo Lévy (2008) a internet não resolverá todos os problemas culturais e sociais do planeta, mas reconhece dois fatos importantes, o primeiro, sugere que o crescimento do ciberespaço é um movimento internacional da juventude que procura novas experiências coletivas e formas de comunicação. O segundo indica que a sociedade está vivendo um novo fenômeno de comunicação e cabe a todos explorar suas potencialidades. Pois, a quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e acelera, além de existir uma grande quantidade de link's entre os hipertextos e nas redes.

O ciberespaço é um marco que representa o surgimento de um novo universo, diferente das culturas que tivemos até hoje, pois se constrói sobre a indeterminação de um sentido global. De acordo com Lévy (2008) o termo cibercultura², que pode ser entendido como rede, é um novo modo de comunicação que surge da interconexão entre os computadores em escala mundial. O termo expressa a infra-estrutura, o universo de dados que a compõe e das pessoas que navegam e realimentam este espaço virtual. A cibercultura² é um conjunto de técnicas, práticas, modos de pensar, atitudes, valores que são desenvolvidos na medida em que o ciberespaço cresce de forma vertiginosa.

A cibercultura é o ambiente resultante das interações sociais, faz nascer uma novas relações humanas que representam a modernidade, onde o indivíduo cada vez mais está solitário dentro de

um espectro universal, é uma forma de universalidade que inventa, criando gêneros artísticos próprios, o saber, novas formas educação, contribui para o urbanismo e coloca novas questões para a filosofia política, pois novas formas de luta pelo poder começam a se apresentar neste ambiente virtual.

A evolução da civilização é favorecida pelo ciberespaço, pois está condicionando o comportamento e centralizando nos ambientes virtuais. Ele é um grande suporte para a inteligência coletiva e autodesenvolvimento, resultado da revolução das redes digitais que criaram o ambiente propício para a disseminação do conhecimento e desenvolvimento da inteligência coletiva.

O ambiente virtual tem-se configurado como um novo espaço de produção de conhecimento, acelerando cada vez mais a tecnologia e por sua vez exigindo que cada vez a participação ativa na cibercultura.

3.1.2. Conhecimento empresarial – capital intelectual

Segundo Davenport e Prusak (1998) a definição de conhecimento empresarial é extremamente difícil, porém pode-se estabelecer um caminho, afirmando que ele é uma mistura de experiências, de valores, de informações e experiências. O conhecimento empresarial proporciona uma estrutura para a avaliação e a incorporação de experiências e informações. Nas organizações, está embutido nos documentos ou repositórios, nas rotinas, nos processos, nas práticas e nas normas. A aplicação do conhecimento na empresa pode ser percebida por meio das decisões ou ações empresariais. O cerne do processo de gestão do conhecimento é a tecnologia que aproxima o especialista do problema (situação), sabendo a conexão entre pessoas é uma forma eficaz de transferência de conhecimento, geradora de resultados quando administrada em grupos de trabalho. O conhecimento na organização gera poder; existe um vasto mercado no mundo organizacional, caracterizando o mercado em que se fornece, compra e vende conhecimento. A produção internacional e a produtividade do conhecimento serão um trunfo nas mãos das organizações do futuro, permitindo equacionar cinco modos, a saber: aquisição - adotar o conhecimento existente; o aluguel - patrocinar pesquisas ou contratar especialistas; recursos dirigidos - investir em áreas ou atividades chave de pesquisa; a fusão - reunir equipes com diversas perspectivas para solucionarem problemas;

adaptação - gerar crises organizacionais para proporcionar o crescimento.

A identificação (codificação) do conhecimento é fundamental para recuperá-lo no momento mais adequado e produtivo. O gerenciamento envolve: utilidade e praticidade. Tal proposto exige o diagnóstico e o mapeamento para disponibilizá-lo à organização. O conhecimento é potencializado a partir da interação entre as pessoas, portanto a criação de um ambiente facilitador e espontâneo pode contribuir de forma satisfatória. A administração do conhecimento é um trabalho inovador e sem uma definição clara, pois a busca exige uma nova postura e uma visão de longa distância, envolvendo um trabalho missionário do novo paradigma. A implantação do processo de gerenciamento do conhecimento exige a formatação de um projeto que considera a cultura, a tecnologia e os mitos. O conhecimento armazenado será útil para a organização quando for catalogado e depositado em local que possibilite a análise e a utilização eficazes.

Segundo Stewart (1998, p. 5) “o conhecimento tornou-se um recurso econômico - mais importante que a matéria-prima; mais importante muitas vezes que o dinheiro”, destaca o capital humano, apontando-o como a chave do sucesso empresarial neste início de século. O conhecimento é entendido como o elemento principal da sociedade do futuro. A administração do conhecimento, neste contexto, transforma-se em desafio que poderá se consolidar como uma tarefa econômica importante para as organizações. As pessoas nas organizações do conhecimento devem ser avaliadas não apenas pelas tarefas, mas pela contribuição efetiva no alcance dos resultados. Taylor quando indicou novas formas de organização do trabalho, iniciou também um processo de aplicação do conhecimento na gestão das pessoas, substituindo o tratamento rude, arcaico e assistemático pela tecnologia com base científica considerando que as pessoas levam para o seu trabalho o seu cérebro. O capital intelectual segundo Klein e Prusak Apud Stewart (1998, p. 6) é “material intelectual que foi formalizado, capturado e alavancado a fim de produzir um ativo de maior valor”, composto por capital humano, estrutural e do cliente. O Capital Humano é a capacidade das pessoas de criar, elaborar e propor alternativas que visam eliminar lacunas, a organização para potencializá-lo necessita investir em expertise³ específica da empresa a partir da definição das competências essenciais. O Capital Estrutural é a transformação do conhecimento acumulado dos funcionários em

ativo empresarial, ele é todo conhecimento produzido e/ou apropriado pelas pessoas, o seu gerenciamento exige a utilização do modelo de rede, constituindo ilhas de conhecimento para gerar vantagem competitiva. Enquanto que o Capital do cliente é a transformação das necessidades dos clientes em ativos que fomentam a produção de informações do mercado, transformando-se em um dos fatores de riqueza organizacional.

O conhecimento, a partir de novas tecnologias de informação, tornou-se um bem disponível, indestrutível, estabelecendo teias de valor, formadas pelo intercâmbio entre o capital humano, estrutural e do cliente. A articulação entre as ilhas de conhecimento e a conscientização sobre as competências essenciais exigidas pelo mercado se transforma em um fator fundamental para se alcançar à vantagem competitiva por meio do conhecimento empresarial.

3.1.3. A teoria sobre educação à distância

Segundo Moore e Kearsley (2008) na década de setenta nos EUA foram apresentadas as primeiras definições e as primeiras teorias pedagógicas sobre educação à distância, sendo que o termo educação à distância foi escolhido para caracterizar a separação entre os alunos e professores.

Moore e Kearsley (2008) citam o trabalho de Otto Peters de 1967 na Suécia que tratava sobre o ensino a distância e produção industrial, esse trabalho foi disseminado em inglês somente na década de 80, pois tratava de uma teoria organizacional. Entretanto, Wedemeyer (1971) apud Moore e Kearsley (2008, p. 239) afirmam que “o aluno independente como uma pessoa não apenas independente no espaço e no tempo, mas também potencialmente independente no controle e no direcionamento do aprendizado”, abrindo possibilidade para se estabelecer uma nova forma de educação positiva, influenciada pelas idéias da psicologia humanista de Rogers, Maslow e Tough. Com base em uma análise empírica de centenas de cursos formulou sua teoria que depois de 1986 foi conhecida como Teoria da Interação a Distância que se trata que a distância é um fenômeno pedagógico e não uma questão geográfica, mas é o efeito que a distância geográfica tem sobre o ensino. Segundo Moore e Kearsley (2008, 240) a educação à distância

é o hiato de compreensão e comunicação entre os professores e alunos causado pela distância geográfica que precisa ser suplantada por meio de procedimentos diferenciadores na elaboração da instrução e na facilitação da interação.

O conceito de interação surgiu com Dewey, sendo desenvolvido na década de 80, visando explicar a interação e a inter-relação do ambiente e das pessoas com os padrões de comportamentos esperados. Neste contexto, interação é a educação à distância e a inter-relação do ambiente é realizada pelos professores e alunos. Ela é relativa e pode-se dizer que existe uma relação à distância mesmo estando próximo o aluno do professor. De acordo com Moore e Kearsley (2008, 240) “a separação determina, na realidade, que os professores planejam, apresentam conteúdo, interagem e desempenham ou outros processos de ensino, de modo significativamente diferente daquele do ambiente presencial”, composto por dois conjunto de variáveis, o diálogo e a estrutura. O diálogo focaliza a inter-relação de palavras e outras interações com o professor e aluno, ou seja, é o meio de comunicação que é utilizado para concretizar os objetivos educacionais estabelecidos, pois se pode aprender outro idioma por meio de vídeo.

A estrutura e a qualidade de um curso são um conjunto dos elementos estruturados necessários para sua elaboração, tais como: objetivos, conteúdos, estratégias educacionais, ilustrações, forma de apresentação.

O diálogo e a estrutura são estabelecidos conforme o meio de comunicação utilizada, eles variam conforme o curso.

3.2. Práticas em educação à distância

Serão apresentados elementos indispensáveis no planejamento e na realização de cursos à distância.

3.2.1. Estratégias de comunicação

O capital intelectual é o intercâmbio de três estruturas: capital estrutural, capital humano e capital do cliente, ou seja, é todo o conhecimento da empresa. Por este motivo a relação entre gestão do conhecimento e as ações de educação tornam-se fundamentais para a produção de mais conhecimento, disseminação, reforço, transformação da organização.

Na corrida desenfreada de resultados o Treinamento e Desenvolvimento – T&D passa a ser um elemento fundamental, sendo a educação a distância uma ferramenta decisiva no processo de aprendizagem e inovação empresarial.

É notório o sucesso de qualquer programa de treinamento e qualidade do curso, mas sabe-se que para que isso ocorra são necessários muitos fatores.

Um dos fatores importantes para a qualidade de um curso a distância é a estratégia de comunicação que gera a realização das ações de treinamento, podendo ser dividida em estratégica e operacional. Este recorte não entra no mérito do público-alvo, pois indica as ações que correspondem às atividades relacionadas às estratégias da organização, como propósito de alinhá-las ao plano de negócio. Enquanto que as atividades operacionais visam à implantação do curso a distância.

As estratégias de comunicação devem fortalecer a cultura da educação corporativa e a distância, são ações que ocorrem durante todo o processo de treinamento, utilizando fortemente o marketing interno e mídias disponíveis para o fortalecimento da cultura empresarial.

O fortalecimento da cultura da educação corporativa e a distância influencia de maneira significativa os resultados esperados, pois muitas barreiras na educação a distância são oriundas de estereótipos e mitos organizacionais quanto aos processos de realização dos treinamentos, lançando dúvidas quanto à qualidade dos cursos realizados. As ações de comunicação e estratégias de divulgação devem valorizar os resultados e os modelos desenvolvidos para superar os preconceitos e garantir o sucesso dos treinamentos.

O trabalho de comunicação deve ser concentrado nos gestores da organização para se posicionarem a favor do modelo, esclarecendo os aspectos relativos aos custos, a cultura e sobre as vantagens gerenciais. Sua eficácia será alcançada com a adequação das informações e linguagem aos executivos que tomarão a decisão. Esta parceria não é obtida com facilidade, primeiramente se deve superar a barreira do desconhecimento, da falta de comprometimento e salientar que todos são co-responsáveis neste processo.

As ações estratégicas devem estar muito próximas dos gestores para proporcionar um processo de cumplicidade entre as áreas de recursos humanos e os níveis de decisão. Estas ações deverão ser previstas para os líderes e equipes, sensibilizando sobre a importância empresarial dos modelos de treinamento à distância, viabilizando a sua aplicação ao corpo de colaboradores. Os recursos materiais devem ser dimensionados para que todos os participantes dos cursos à distância tenham acesso aos sistemas, além de prever o reconhecimento e aceitação de todos os agentes organizacionais.

Quanto aos aspectos operacionais, as ações de comunicação são importantes para manter um

canal aberto entre as áreas de marketing e tecnologia da informação a fim de que os resultados almejados sejam claramente definidos para todos os envolvidos no processo e possam ser mensurados e divulgados ao corpo diretivo. Durante os cursos, deve haver um processo de comunicação direto com o participante, indicando lembretes, datas de início e término de um treinamento, avisos de sistema sobre questões técnicas, ou seja, comunicações pontuais relacionadas ao curso e que possam gerar motivação, tais como boletins educacionais, mensagens de incentivo etc.

Outra forma de comunicação operacional está relacionada à mediação do processo, sendo um canal direto entre o participante e o treinador. Visa reduzir a frustração durante o treinamento, sensibilizando o participante, reduzindo a solidão e garantindo a humanização do aprendizado, assegurando o calor humano aos participantes.

Os resultados do treinamento devem ser medidos por meio de um processo de avaliação conjunta com os participantes e clientes (áreas), criando mais canais de comunicação que atendam aos interesses empresariais alinhados às estratégias corporativas, assegurando a qualidade dos cursos à distância.

3.2.2. Tecnologias e mídia

O processo de comunicação é importante para a educação à distância de tal forma que é indispensável destacar as tecnologias existentes, as mídias e o texto impresso para que sejam utilizadas adequadamente na elaboração de cursos.

O texto impresso pode ser apresentado em formato de livro que reproduz artigos ou capítulos, manuais, anotações etc. Pode-se utilizar do material impresso para a realização de cursos por correspondência, muito utilizado no Brasil na década de setenta, destacando-se nesse mercado o Instituto Universal Brasileiro que ainda apresenta cursos por meio desta modalidade, vide <http://www.institutouniversal.com.br/>.

Os guias de estudo apresentam a estrutura de um curso utilizado para oferecer ao aluno instruções e orientações sobre a disciplina e como pode ocorrer a interação entre os alunos e os instrutores. O livro didático é um exemplo, pois são criados para atender a lógica de uma disciplina.

Revistas, jornais e boletins podem ser utilizados como apoio à educação na medida em que são publicados artigos de interesse pedagógico ou técnico. O uso do meio eletrônico é usado

largamente hoje diminuindo distâncias. O e-mail pode ser utilizado para compartilhar rapidamente uma novidade por meio de um jornal ou boletim, um site pode locar uma revista científica, por exemplo, http://www.santarita.br/m3.asp?cod_pagina=623. As mídias de áudio e vídeo hoje são apresentadas com um custo compatível para a disseminação de materiais pedagógicos que podem ser utilizadas na internet, por meio de CD ou DVD's, ou pelos canais educativos cuja missão é registrar e divulgar o conhecimento científico e cultura.

O rádio e a televisão são mídias que atingem um grande público e são utilizados em larga escala pelos canais educativos que usam os recursos de áudio e o vídeo para atingir o seu público. Hoje com a proximidade da TV Digital, este caminho poderá ser diminuído com a interatividade aliando-se com a internet. As organizações utilizam esta mídia por meio de canais privados de comunicação para atingir seu público-alvo que pode ser colaborador até um cliente, utilizada para transmitir instruções para uma grande parcela de consumidores.

A teleconferência na educação à distância é uma forma de interação, podendo ser realizada por meio de áudio, vídeo, audiográfica e web. O uso do áudio pode ser feito pelo telefone ou sistemas de celular que permitem reuniões de troca de informações e instruções empresariais. O sistema audiográfico é a reunião do áudio e vídeo que pode ser transmitido por linha telefônica. A videoconferência conta com a utilização de canais de satélite/canais privados que interligam a matriz de uma empresa as suas filiais em horários e dias estabelecidos.

A web é uma mídia que agrega todas as anteriores, pode conjugar o áudio, texto, vídeo de forma sincronizada ou não. O aluno pode gerenciar o seu tempo para utilizar os recursos em seu aprendizado, pode participar de uma videoconferência, ou de um chat para discutir questões escolares.

Os sistemas de gestão do conhecimento utilizam de forma harmônica as tecnologias e mídias para gerar resultados empresariais, um exemplo comum é a utilização de guias que contenham os procedimentos de trabalho que instruem e aumentam a produtividade.

3.2.3. Criação e desenvolvimento de cursos

O desenvolvimento de cursos à distância exige o trabalho de diferentes especialistas que vão gerar estratégias de ensino e conteúdo, além de estruturar a forma adequada que será realizada a aprendizagem. As fases podem ser divididas em

estágios de análise, elaboração, desenvolvimento, implementação e avaliação.

Segundo Moore e Kearsley (2008, p 108) no estágio de análise

[...] os profissionais de criação devem realizar alguma forma de avaliação da tarefa ou função - ou em uma área acadêmica precisam analisar o conteúdo - para identificar as aptidões específicas envolvidas na tarefa ou função, ou detectar o desempenho que demonstraria o domínio do tema

Nesta fase também é necessário a identificação das características do ambiente e dos alunos.

O estágio de elaboração o grau de desempenho do aluno são articulados com os objetivos do curso, utilizando-se da hierarquia dos objetivos instrucionais de Bloom (1956) apud Moore e Kearsley (2008, p. 108). Os idealizadores precisam harmonizar e organizar os que os alunos precisam aprender e como deverá ser feito o aprendizado.

No estágio de desenvolvimento, os idealizadores precisam criar os materiais de instrução, de apoio que apresentam o que é necessário para atender os objetivos propostos. Esses materiais podem ser livros, guias de estudo, vídeos, áudio, teleconferências etc. Enquanto, que na fase de implementação é o momento de realização do curso. Os dados dos cursos são transmitidos e todo o material e colocado no ar para os seus alunos.

Na avaliação são realizados testes de conhecimento, além da avaliação da qualidade do curso pelos alunos e professores. Este estágio é importante porque se houver necessidade o curso pode ser reformulado ou implementado com ações de melhoria.

A criação dos cursos exige a constituição de equipes que depende dos modelos de gerenciamento escolhidos para a realização do projeto. O modelo autor-editor, composto geralmente por duas pessoas e usado para cursos por correspondência. Um especialista escreve o conteúdo e outro revisa. Um ponto negativo para este modelo é que o especialista seleciona o conteúdo e geralmente não avalia as necessidades do que o aluno deve aprender. Este modelo foi largamente utilizado, mas não é eficaz nos modelos baseado na web.

As universidades normalmente utilizam o modelo de equipe de curso, composto por até 20 especialistas. Eles redigem esboços do curso e com a participação de todos, são tomadas decisões sobre cada estágio do curso e a forma com que o aluno deverá ser instruído para alcançar desenvolvimento. Observando os diversos

modelos de equipe, há necessidade de que todos entendam que o sistema de ensino que ensina e a equipe é um meio para se alcançar os objetivos educacionais.

3.2.3.1. O guia de estudos

Um passo definitivo na criação de um curso é a elaboração do guia de estudos que oferece a estrutura do curso e serve de apoio ao aluno durante a realização. É composto por introdução, calendário, roteiro, orientação do curso, conteúdo, tira dúvida com perguntas chaves, bibliografia e sugestões.

O ponto de partida para elaboração do guia é a estrutura do curso que pode partir da carga horária. Se o curso for de 100 horas, ele pode ser estruturado em 10 unidades de 10 horas cada, dividindo o conteúdo de tal forma que os temas sejam apresentados em ordem lógica em uma seqüência didática. O estilo de redação é erudito, texto composto em terceira pessoa e que projeta a personalidade do instrutor para que o aluno tenha a sensação de estar falando com ele. O layout do texto deve ser atrativo, combinando o uso de som, texto e imagem com cuidado e para não poluir a apresentação, mas para chamar a atenção do aluno, marcar um tom erudito.

3.2.3.2. A videoconferência

A videoconferência é muito interessante nos processos de educação à distância em pequena escala e pode contar com um mínimo de apoio técnico, sendo econômico. Primeiramente se elabora um guia de estudos, depois se desenvolve a estrutura da apresentação, estabelecendo uma programação regida quando da sua realização. O instrutor deve conhecer cada aluno, fazendo anotações para facilitar no momento dos debates. Antes de concretizar o projeto há necessidade de se fazer testes para evitar constrangimentos na sua realização.

3.2.3.3. Cursos baseados na web

Um curso criado para ser realizado pela web, por um instrutor ou equipe de programadores é a ferramenta de aprendizagem mais evoluída atualmente. Ele pode ser desenvolvido de três formas: uso de ferramentas autorais, uso de arquivos pela web ou uso de sistemas de aprendizado integrados.

As ferramentas autorais permitem que o profissional desenvolva seqüências lógicas e interativas de animações, testes, apresentações multimídia. Essas ferramentas são fáceis e poderosas na sua utilização, foram criadas antes

da web, hoje podem criar programas, como por exemplo, a linguagem flash.

Os arquivos na web podem ser constituídos pelo Microsoft Front Pages ou similares. Eles criam arquivos em formato “html⁴” que podem ser acessados pelos alunos na internet, nestes arquivos podem ser inseridos link’s de textos, vídeos, áudio e outros programas compatíveis para simulares ações de treinamento.

Os sistemas de aprendizados integrados são programas desenvolvidos para ser utilizado na gestão de um curso a distância, por meio dele pode-se incluir conteúdos e gerenciar alunos, um bom exemplo é o Teleduc que pode ser acessado pelo link <http://www.teleduc.org.br/>.

Os mesmo cuidados a serem utilizados em cursos de mídia impressa devem ser tomados na elaboração dos cursos criados para a web. Existem fatores que precisam ser considerados para que sejam adequados, tais como, precisam ser fáceis de usar, devem ter legibilidade para a leitura. Moore e Kearsley (2008) recomendam para elaboração dos cursos: o uso adequado dos espaços em branco; eliminação de palavras desnecessárias; escrever parágrafos e sentenças curtas; utilização de palavras dos usuários; de exemplos e use ilustrações para exemplificar as idéias.

3.2.4. A questão do professor à distância

É obvio que o professor à distância não saberá como os alunos reagem em relação ao curso a não ser o aluno transmita suas percepções ou por meio de uma auto-avaliação. Por este motivo urge um grande desafio para o professor, o de saber lidar com seus alunos. Outro fator importante a considerar é o de capacitar o professor para o uso de tecnológicas que muitas vezes são de caráter experimental. Na maioria das vezes tem que descobrir os caminhos sozinho, adequando o uso de tecnologias ao lidar com os alunos.

Os melhores professores aprendem a entender o perfil do aluno e a criar uma espécie de empatia entre eles, mesmo existindo uma comunicação eletrônica. Muitos alunos não buscam uma interação com professor, mas apesar desta postura cabe ao professor criar vínculos e condições para que o aluno fique motivado no processo de aprendizagem, principalmente para aqueles que foram formados em ambientes tradicionais e apresentam um tipo de resistência quando realizam cursos a distância.

Os cursos quando do planejamento, precisam oferecer oportunidades para que o professor possa interagir por meio de chat, discussões, críticas

construtivas, além de proporcionar a construção coletiva do conhecimento.

O professor a distância na sua atividade deverá desenvolver as seguintes funções segundo Moore e Kearsley (2008, p. 149):

elaborar o conteúdo do curso; supervisionar e ser moderador nas discussões; supervisionar os projetos individuais e em grupo; dar nota às tarefas e proporcionar realimentação sobre o progresso; manter registros dos alunos; ajudar os alunos a gerenciar seu estudo; motivar os alunos; responder ou encaminhar questões administrativas; responder ou encaminhar questões técnicas; responder ou encaminhar questões de aconselhamento; representar os alunos perante a administração e avaliar a eficácia do curso.

As funções podem ser divididas em responsabilidades pelo ensino, pelo progresso do aluno, pela orientação do aluno e pela melhoria do curso. Sabe-se que neste contexto o professor deve reforçar as tarefas previstas no sistema e destacar a importância dos processos de interação que são três: interação do aluno com o curso, interação do professor com o aluno e interação do aluno com outros alunos.

A interação do aluno com o curso diz respeito ao conteúdo, é um ponto fundamental, pois o professor dará as premissas do curso e do processo de aprendizado. É a forma que o aluno desenvolve para absorver o conteúdo, sendo um processo de assimilação das informações e das estruturas cognitivas presentes no curso.

A interação do professor com o aluno é um processo em que ocorre por meio da orientação, esclarecimento de dúvidas e avaliação, onde o ele reavalia as práticas e o processo de aprendizado do aluno. De acordo com Moore e Kearsley (2008, p. 153) “o aluno pode valer da experiência do instrutor profissional, ao mesmo tempo em que interage com o conteúdo do modo mais eficaz para esse aluno em particular”, ou seja, o diálogo mesmo eletrônico pode criar condições para que o aprendizado ocorra.

A interação do aluno com outros alunos é uma dimensão nova na educação à distância, ela pode ser desenvolvida por meio de grupos virtuais que trocam informações ou se reúnem para discutir os temas e os aspectos gerais do curso.

As interações são geralmente realizadas por texto, também por vídeo; são síncronas ou assíncronas. Segundo Moore e Kearsley (2008, p. 161) consideram as interações “assíncrona muito mais útil e eficaz do que a interação síncrona baseada em textos. De modo análogo às tecnologias em

áudio e vídeo, é um desafio fazer com que os alunos on-line participem de discussões [...]”.

O papel do professor à distância está sendo construído coletivamente na medida em que avançam estes cursos, entretanto, sempre recairá sobre eles o ônus de criar um ambiente no qual os alunos possam se desenvolver, aprender e se autogerenciar.

3.2.5. A questão do aluno à distância

A andragogia é uma teoria que estuda o processo de aprendizagem para adultos, ela é muito útil para a compreensão do perfil dos alunos que realizam seus cursos nesta modalidade, pois os adultos precisam sentir que têm algum controle sobre o que está acontecendo e absorver a responsabilidade pelo seu aprendizado.

Sabe-se que eles preferem definir o que se vão aprender, preferem serem cúmplices do processo e tomar suas decisões porque suas experiências carregam uma bagagem útil e gostam de utilizá-la no processo de ensino, além de possuírem uma motivação intrínseca. Normalmente os adultos procuram os cursos à distância para aprender mais sobre o seu trabalho e têm problemas de agenda para realização de cursos presenciais.

A ansiedade é um sentimento marcante e presente nesses momentos, geralmente é direcionada ao instrutor por ser a pessoa mais próxima da instituição e ao aluno por ter receio de não atender as expectativas do professor.

É interessante observar que grande partes dos alunos fazem a escolha de estudo de forma voluntária, demonstram interesse e boa vontade para concluir os cursos, apresentam normalmente um firme propósito de finalizar as etapas rapidamente apresentando antecipadamente os trabalhos e as atividades pertinentes ao contexto; têm, também, um histórico anterior de participação em outros cursos.

Outra parte de alunos não demonstra o mesmo interesse, abandona o curso revelando uma falta de maturidade ou irresponsabilidade na escolha.

De acordo com Moore e Kearsley (2008) a compreensão dos fatores de risco contribui para elaborar prognósticos que levem a identificar alunos que invariavelmente irão abandonar seus estudos. Entretanto, está análise poderá auxiliar na elaboração de ações de prevenção e mudança de rumo nos cursos, permitindo a adequando do aluno ao curso e a concretização dos seus estudos.

Os hábitos e competência dos alunos determinam o seu sucesso e muitos conselhos podem ser dirigidos a eles, tais como: nunca deixa para

depois e tenha um planejamento centrado, além de ter uma atitude positiva na aprendizagem.

Os sistemas de educação devem oferecer programas de apoio e orientação ao aluno para enfrentar a sua jornada. Centros de orientação são interessantes para tirar dúvidas quanto ao curso e carreira, além de recolocação profissional. As orientações devem ser oferecidas em formato interativo pela web, indicando os links e processos Onde deverão ser feitas as orientações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Moran (2005, p. 3) “a educação será cada vez mais importante para as pessoas, corporações, países, para o mundo como um todo” e o conceito de presença está sendo discutido, tendo em vista as tecnologias emergentes em especial a internet/intranet. O espaço físico da escola e sala de aula está sendo substituído gradativamente pelos espaços virtuais e profissionais, o professor passa incorporar os papéis de mediador, facilitador, tutor, gestor e mobilizador do processo de ensino. Atualmente o aluno deve incorporar o aprendizado colaborativo e passar a contribuir para uma inteligência coletiva, sendo que a universidade cada vez mais está próxima da empresa, estabelecendo parcerias inovadoras.

No Brasil, o *e-learning* cresceu 33% em 2002, no mundo a previsão para o período de 2002 a 2006 supera a marca de 350% de crescimento. Neste cenário as empresas saíram na frente das instituições de ensino e passaram a utilizar o treinamento à distância como uma ferramenta de desenvolvimento importante na capacitação dos seus recursos humanos.

De acordo com Moran (2005) hoje se pode combinar soluções pedagógicas para cada aluno e tipo de treinamento para cada momento. Pode-se contar com tecnologias on-line do tipo modo-texto, hipertexto, multimídia etc. As aulas poderão ser ao vivo e à distância, pode ser centrada no texto impresso com apoio a internet. Os cursos poderão ser feitos em formato de pacotes ou serem desenvolvidos na medida em que ela avança.

O fato central é que as tecnologias estão flexibilizando a elaboração de treinamento e convergindo para os espaços virtuais. A educação por meio de mídias conectadas está cada vez mais presente no dia a dia, a internet é usada largamente para a realização dos cursos, entretanto as novas gerações de celulares estão chegando e podem revolucionar novamente o *e-learning*¹.

Neste contexto, as organizações buscam a capacitação para o mundo do trabalho, sendo inevitável experimentar a forma de integrar os cursos presenciais e a distância para garantir a aprendizagem significativa, visando encontrar a integração do homem a tecnologia, ou seja, integrar o real e o virtual. No caso organizacional ela cria oportunidades para se construir uma nova ponte entre as práticas de capacitação dos recursos humanos e as estratégias organizacionais e se constituem um ferramenta emergente capaz de produzir e gerar riqueza por meio do conhecimento empresarial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOOG, Gustavo G. (Coord.). **Manual de Treinamento e Desenvolvimento**. São Paulo: ABTD, 2005.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Recursos Humanos – Fundamentos Básicos**. São Paulo: Ed. Atlas, 2000.
- DAVEL, E.; VERGARA, S.C. **Gestão com pessoas, subjetividade e objetividade nas Organizações**. Gestão com pessoas e subjetividade. São Paulo: Atlas, 2001.
- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento Empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, 237p.
- GIL, Antônio Carlos. **Administração em Recursos Humanos – um enfoque profissional**. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.
- RICARDO, Eleonora (org). **Educação corporativa e educação à distância**. Rio de Janeiro: Qualimark, 2005.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- MALVEZZI, Sigmar. **Do taylorismo ao comportalismo 90 anos de desenvolvimento de recursos humanos**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARRAS, Jean P. **Administração de Recursos Humanos – do operacional do Estratégico**. Ed. Futura, 2000.
- MORAN, José Manuel. Tendência da Educação On-line no Brasil. In RICARDO, Eleonora (org). **Educação corporativa e educação à distância**. Rio de Janeiro: Qualimark, 2005.
- MILKOVICH, George e Boudreau, John. **Administração de Recursos Humanos – Ed. Atlas S.A**, 2000.
- MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância – uma visão**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- STEWART, Thomas. A. **Capital Intelectual - a nova vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- ROSINI, Alessandro Marco. **As novas tecnologias da informação e a educação à distância**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- TACGIZAWA, Takeshy; Ferreira, Victor; Fortuna, Antonio. **Gestão com Pessoas – Uma abordagem aplicada às estratégias de negócios**. Ed: FGV, 2004.
- ULRICH, Dave. **Recursos Humanos Estratégicos**. São Paulo: Ed. Futura, 2000.

Notas

¹ Educação a distância

² Cultura digital

³ Especialidade

⁴ Arquivos capazes de serem alocados em um servidor web para serem acessados por um navegador da internet.

A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E O MEIO AMBIENTE

Ismar Vicente

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia

Mestre em Administração

RESUMO: Na década de 1980, acreditavam-se que os recursos da tecnologia da informação viriam trazer uma diminuição considerável do uso do papel ou até mesmo sua completa extinção nos escritórios. Percebeu-se, com o passar do tempo que aconteceu exatamente o inverso. O consumo de papel aumentou e com ele os problemas ambientais ligados à indústria do papel e celulose. Este trabalho discute o impacto ambiental que a tecnologia da informação está causando apesar dos esforços no sentido de que os processos se desenvolvam de uma forma independente do papel. A internet vem fazendo sua parte, periódicos eletrônicos e dos e-books e tantos outros documentos eletrônicos alterou radicalmente a maneira de se trabalhar e de fazer negócios. Por outro lado, a quantidade de informações geradas têm multiplicado nos últimos anos e a cultura da impressão ainda permanece na mente das pessoas. Ainda prevalece a idéia de que um determinado documento somente existe quando ele está fisicamente palpável.

PALAVRAS-CHAVE: Impacto ambiental; Tecnologia da informação; Uso do papel.

TITLE: *Environmental impact of the information technology*

ABSTRACT: In the eighties it was believed that the new technological resources of information would provoke a decrease in the use of paper or even a thorough extinction of this stationery. However, an opposite effect to the expected one was noticed, the consumption of paper increased and so the environmental problems linked to paper and cellulose became present. This work discusses the environmental impact which the information technology has been causing due to the increase in the paper use, despite the efforts which have been made for the processes to be developed in a non-depending-on-paper forms. Internet has radically been changing the way of working and making businesses and, doubtlessly, the electronic magazines/papers and the e-books avoid the need of paper printing, but, on the other hand, the amount of information generated has been being multiplied in the last years and the printing culture remains in people's minds, and the idea that a certain document just exists when it is physically touchable still prevails.

KEYWORDS: *Environmental impact; Information technology; Use of paper.*

INTRODUÇÃO

A era dos computadores e da internet tem causado um enorme crescimento na quantidade de informações que as pessoas geram e usam. Conforme o relatório “How much information? 2009” da Universidade da Califórnia, em San Diego, a quantidade de informações armazenadas nos diversos tipos de storages tem multiplicado desde 1999. O estudo calcula que em média cada americano consumiu 34 gigabytes de informação por dia em 2008, informação esta que pode ser calculada, comparando-a ao conteúdo de sete discos de DVD. De acordo com a pesquisa, o total de informações consumidas cresceu 12 vezes em relação ao ano anterior (BOHN; SHORT, 2009).

A pesquisa mostrou que, apenas em 2008, cerca de 3,6 zettabytes de novas informações foram gerados por sistemas de armazenamento impressos, em filme, meios magnéticos e óticos em todo o mundo (um zettabyte é igual a 10^{21} bytes). Para se ter uma idéia da dimensão que está sendo tratada, a biblioteca do Congresso norte-

americano, que tem 19 milhões de livros e 56 milhões de manuscritos, possui o equivalente a dez terabytes de informação (um terabyte corresponde a mil gigabytes). Seriam necessárias 360.000 bibliotecas semelhantes para igualar a 3,6 zettabytes (BOHN; SHORT, 2009).

Como boa parte da informação mediada por computador é impressa para leitura, isso tem parte decisiva no crescimento da demanda e produção de papel, contribuindo com o aumento dos potenciais problemas ambientais.

O simples fato do uso de informações impressas, seja devido à “cultura da impressão” enraizada nas pessoas, ou não, está fomentando o processo que começa na fabricação da celulose para a preparação do papel até incidir no impacto ambiental. A fabricação da celulose e do papel utiliza grande quantidade de água e que misturada aos resíduos tóxicos, no final do processo, vai para um reservatório que, por conta de vazamentos casuais, tem gerado grandes problemas ambientais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Alguns conceitos importantes para o entendimento da ligação entre a tecnologia da informação e o meio ambiente são aqui descritos.

2.1. Definição de impacto ambiental

Segundo a Resolução do Conselho Ambiental do Meio Ambiente (CONAMA), o conceito oficial de impacto ambiental é qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente. (CONAMA, 1986). Mas a amplitude desse conceito o torna pouco útil, pois pode abranger desde uma simples brisa até a explosão de uma bomba atômica, já que ambas alteram as propriedades do ar. O conceito de Branco (1984) qualifica melhor o que é esse impacto quando considera o desequilíbrio do ecossistema natural. Impacto ambiental é "[...] uma poderosa influência exercida sobre o meio ambiente, provocando o desequilíbrio do ecossistema natural" (BRANCO, 1984, p.57). O que caracteriza o impacto ambiental, não é qualquer alteração nas propriedades do ambiente, mas aquelas que provoquem o desequilíbrio das relações entre as partes que constituem o ambiente, tais como as que excedam a capacidade de absorção do ambiente considerado.

2.2. Aumento das informações em meios eletrônicos

De acordo com a "Lei de Moore", a capacidade de processamento dos computadores dobra em média a cada 18 meses. A chamada "Lei de Moore" consiste na observação do co-fundador da Intel, Gordon Moore, decorridos mais de 40 anos, que descreve um crescimento exponencial na densidade de transistores, resultando no aumento do desempenho e na redução dos custos. (INTEL, 2010). Essa expansão da capacidade de processamento permite que se gerem informações cada vez mais rápidas. Por algum motivo, boa parte dessas informações termina sendo impressas, aumentando, dessa forma, o consumo do papel. As impressoras modernas, em função da rapidez e da facilidade na obtenção de cópias, também estimulam o esse consumo.

2.3. Escritórios sem papel

Na década de 1980 popularizou-se a idéia de que microcomputadores ligados em rede, correio eletrônico, datawarehouses, software para workflow e um sem número de outros recursos, em breve eliminariam completamente o papel dos escritórios.

Apesar de toda essa tecnologia disponível, o consumo de papel vem aumentando

constantemente, a ponto de a Forest Products Association, entidade que congrega os fabricantes do produto no Canadá (país que é o maior exportador de papel para escritório), estimar que o mesmo deverá subir cerca de 50% nos próximos 10 ou 15 anos. E por que isso está acontecendo? Porque o desenvolvimento da tecnologia não foi acompanhado pelas mudanças de nossos hábitos? Ainda persiste a idéia de que documentos existem somente quando são fisicamente palpáveis, portanto impressos.

A popularização da tecnologia permitiu que, desde 1998, mais de 200 milhões de impressoras pessoais fossem vendidas; o número de máquinas de fax cresceu 22 vezes nos anos de 1990 e as copiadoras estão instaladas em toda parte.

A Hewlett-Packard estimou que, apenas nos Estados Unidos, suas impressoras laser imprimiram 1,2 trilhão de folhas em 2001, o que representou um aumento de mais de 50% nos cinco anos anteriores, permitindo admitir como corretas as estimativas de que cada funcionário de escritório gera 125 quilos de papel impresso a cada ano. (BRETERNITZ, 2001, 97).

Conforme pesquisa da empresa de consultoria PricewaterhouseCoopers, as organizações que fornecem endereços eletrônicos aos seus funcionários, acabam tendo um aumento de 40% em seu consumo de papel. O resultado da pesquisa faz sentido, pois existe ainda, nos escritórios, independentemente do nível, a cultura de impressão e arquivamento dos documentos, inclusive das mensagens eletrônicas recebidas.

3. ESFORÇOS PARA REDUÇÃO DO USO DO PAPEL

Uma vez notada a influência da tecnologia da informação no aumento considerável do uso de papel, surgiram, agora com muito mais consciência do problema, esforços que efetivamente têm potencial para contribuir com a redução do uso de papel.

3.1. Novas tecnologias

O aumento da quantidade de informação vivido hoje já havia sido previsto em 1851 por Joseph Henri quando afirmava que a humanidade tem seu progresso baseado em pesquisa, estudo e investigação, que geram saber, conhecimento, ou simplesmente informação e, praticamente, para cada item de interesse existe algum registro de saber pertinente. A não ser que essa massa de informações esteja armazenada com ordem e que sejam bem especificados os meios que nos irão

expor os respectivos conteúdos, tanto literatura como ciência perecerão esmagadas sob seu próprio peso (HENRI, 1851 apud KRZYZANOWSKY; TARUHN, 1998).

Para esses os autores a previsão pode ser confirmada pelo imenso crescimento do número de periódicos científicos ocorrido no século XX, que nesse período passou de cerca de 10 mil títulos em papel para mais de um milhão, em vários tipos de suporte.

O surgimento das novas tecnologias de informação permitiu a otimização da produção, acesso e disseminação da informação, mudando o conceito tradicional de informação bibliográfica baseada em documentos impressos. O acesso, via internet, a novos recursos, como hipertexto, hiperídia, listas de discussão, conferências virtuais, além da versão eletrônica de documentos impressos, tem se tornado uma realidade cada vez mais presente no dia-a-dia dos profissionais da informação.

Segundo Lancaster (1995), as bibliotecas e sistemas de informação têm sofrido forte impacto com todas estas transformações, principalmente a internet.

3.2. Publicações eletrônicas-periódicos

Com o avanço das novas tecnologias, as publicações eletrônicas tiveram também um grande crescimento; Lancaster (1995) divide seu desenvolvimento em quatro etapas: 1) uso de computadores para gerar a publicação impressa (processadores de texto, editoração eletrônica); 2) distribuição do texto em formato eletrônico, onde a versão eletrônica é exatamente igual à versão impressa; 3) a publicação eletrônica tem o formato da impressa, mas agrega alguns diferenciais, como possibilidade de pesquisa, produção de metadados, serviços de alerta; 4) publicações elaboradas especificamente para o formato eletrônico, que exploram realmente as possibilidades de hiperlink, hipertexto, som, movimento etc.

As publicações eletrônicas não se limitam em periódicos tradicionais, mas este trabalho enfoca apenas os eletrônicos, por serem hoje a forma mais utilizada de divulgação dos resultados de pesquisas pela comunidade acadêmica.

Dentre os vários termos utilizados para o mesmo conceito: publicação eletrônica, seriados eletrônicos, periódicos on line etc., neste trabalho será utilizado apenas o termo “periódico eletrônico” por ser o mais citado na literatura (electronic journal).

Definições de periódico eletrônico:

Publicação cuja principal forma de envio aos assinantes é através de um arquivo de computador (BONBAK et al., 1992 apud CHAN, 1999, p. 49) “[...] publicação eletrônica com texto completo, que pode incluir imagens, e que pretende ser publicada indefinidamente” (UNIVERSITY OF NEBRASKA-LINCOLN, 1994 apud CHAN, 1999, p.52) “[...] periódico criado para o meio eletrônico e disponível apenas neste suporte” (LANCASTER, 1995).

Para melhor compreensão dos conceitos utilizados, que ainda não estão solidificados, são apresentadas as definições utilizadas neste trabalho para “periódico”, “periódico científico” e “periódico eletrônico”.

Periódico, de acordo com o Anglo-American Cataloguing Rules (AACR), significa publicação seriada (na qual estão contidos os periódicos) é “Publicação utilizando qualquer tipo de suporte, editada e destinada a ser continuada indefinidamente” (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES, 2003, p.12).

Segundo Krzyzanowski e Taruhn (1998) periódico científico deve ter corpo editorial e recursos humanos qualificados para o processo de editoração científica, apresentar regularidade de publicação, cumprir padrões internacionais de normalização, utilizar mecanismos de distribuição e comercialização estabelecidos.

Periódico eletrônico: nesta pesquisa, será considerada periódico eletrônico (científico) aquele que possui artigos com texto integral, disponibilizados via rede, com acesso on line, e que pode ou não existir em versão impressa ou em qualquer outro tipo de suporte. Segundo Lancaster (1995), os primeiros a conceber esta forma de publicação foram Sondak e Schwarz visando fornecer arquivos que poderiam ser lidos por meio de computadores para bibliotecas e em microfichas para assinantes individuais.

A partir de 1980 surgiram várias tecnologias para distribuição dos periódicos, começando com o CD-ROM, seguido por acesso TELNET e atualmente através da Web.

A mudança do formato impresso para o eletrônico é um processo inovador que gera modificações em todos os envolvidos na produção, disseminação e utilização de informações.

Na implantação de qualquer inovação, a aceitação de todas as modificações normalmente segue uma curva em “S” conforme Meadows (1997). Inicialmente há um pequeno progresso (a parte inferior do S), depois as pessoas começam a conhecer o produto e a aceitação se acelera (a parte do meio do S) e finalmente, quando a

maioria da comunidade aceita a inovação, a taxa de crescimento diminui até que seja atingido o objetivo (a parte superior do S).

Em 1997, esse processo estava passando ainda pela parte inferior do S; supõe-se que atualmente a aceitação e utilização estejam na sua parte central, mas não devemos esquecer que para se atingir a parte superior, essas novas tecnologias devem ser disseminadas na comunidade científica como facilitadores para a pesquisa.

O periódico eletrônico também tem outras vantagens que são a redução de custos e economia de espaço. A tendência atual do custo do periódico eletrônico ser menor que a publicação impressa gera uma expectativa positiva, assim como a possibilidade do compartilhamento da informação entre instituições através de consórcios. Por outro lado, surgem dúvidas quanto ao armazenamento deste tipo de suporte. Em longo prazo deverá ficar por conta dos editores ou em servidores das próprias instituições? Perderemos o acesso quando o periódico não for mais assinado? Estes questionamentos farão parte de acordos institucionais.

Conforme Rowley (2000), a transição da impressão para o eletrônico expõe ainda mais uma série de dúvidas e questionamentos, pelos quais ainda estamos passando:

A versão eletrônica será mais barata? Qual será a política de uso? Quem vai negociar com os editores? Com que rapidez deve ser feita a transição para os periódicos eletrônicos? A assinatura impressa deve ser cancelada? Quais empresas/instituições fornecerão uma massa crítica de periódicos eletrônicos relevantes para os usuários? Deveremos ter vários e diferentes serviços de periódicos eletrônicos para os usuários? Como integrar os periódicos eletrônicos ao catálogo local e outros serviços de referência tais como serviços de *table of contents*, bases de dados bibliográficas, envio de documentos? Como armazenar fascículos antigos? Como administrar os vários tipos de pagamento? Quais são as implicações das licenças no caso de compartilhamento de artigo em periódico eletrônico, num caso de empréstimo entre bibliotecas e comutação bibliográfica?

Atualmente boa parte dessas preocupações já não existe, em compensação surgiu uma outra maior, que é a “pirataria”, ou seja, o uso não autorizado. A própria tecnologia que permite a criação de recursos que facilitam a divulgação de trabalhos em benefício da ciência, também facilita a ilegalidade, mas o cerne da questão não está na tecnologia, e sim na ética.

3.3. Fundação cria projeto para substituir papel

A Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) preparou no ano de 2003 uma ousada iniciativa de organização digital. O objetivo era de extinguir, até o final daquele ano, 80% do papel que circulava entre as oito faculdades, o colégio e a área administrativa (atendimento ao aluno, RH, compras, requisições, memorandos etc.). Para tanto, foram retiradas de circulação 15 toneladas de papel por ano, evitando processamento de 300 árvores. Somente com cartuchos de tintas para impressora, a FAAP economizou R\$ 600 mil naquele ano.

Requisição de materiais e convocações para reuniões entre professores são exemplos de recursos que passaram a estar online. Foi desenvolvido ainda um comunicador instantâneo exclusivamente para os usuários da intranet.

Acabar com o papel e o excesso de burocracia, tanto para o público externo quanto para funcionários, professores e alunos, é um dos principais objetivos, incluindo a realização de matrículas e emissão de certificados, segundo Rafael Possik, responsável pela implantação da organização digital. Para tanto foi criado um portal que permite desde inscrição no processo seletivo, pedido de renovação e pagamento de matrícula, consulta notas e faltas, qualquer tipo de solicitação ou requerimento administrativo até consultar ofertas de estágio.

O Portal FAAP inovou ao criar um hot site de convocação para reuniões. Cada professor recebeu um endereço eletrônico (e-mail gratuito fornecido pela instituição, do tipo nome@faap.br) com acesso a este hot site, que contém um vídeo e uma ficha de inscrição online. Este conceito de interatividade, usando multimeios, foi o embrião de um projeto maior, o e-learning, ou seja, ensino a distância pela internet.

Em seus computadores, professores e funcionários receberão as imagens do diretor do departamento formulando o convite e explicando os pontos da pauta de uma reunião. A convocação digital agiliza processos, ao mesmo tempo em que o convite, com a imagem do diretor, ajuda a quebrar a frieza natural de memorandos.

3.4. Microsoft

A Microsoft apresentou no seu relatório anual de 1999, uma nova tecnologia chamada ClearType que permitiria que empresas alcançassem o objetivo do escritório sem papel. Segundo a Microsoft, essa tecnologia proporcionará uma resolução do vídeo equivalente ou superior aos papéis, resolvendo, de vez, o

problema do incômodo de ler diretamente no vídeo.

3.5. A internet

A impressão nunca teve um adversário de fato, desde sua invenção há 550 anos. A comunicação, por meio do papel, entrou na nossa cultura e tem sobrevivido desde a Renascença até a era da tecnologia da informação.

Desde o aparecimento do e-mail, que surgiu como um adversário da informação impressa a utilização do correio eletrônico "explodiu" e a forma original do ambiente hipertextual World Wide Web (Rede Mundial) floresceu em cores, fotos, gráficos e animações, com o lançamento do navegador (browser) no mercado, em 1994. Praticamente, de um dia para o outro, milhões de pessoas conectaram-se à internet para se comunicar, trabalhar, comprar, aprender e se divertir. Finalmente a impressão encontrou um adversário de peso. Não resta dúvida de que a internet vem transformando a maneira como trabalhamos e fazemos negócios. Na era digital, livros, jornais, revistas, e outros meios eletrônicos nos forçam a repensar como funcionaremos na era "eletrônica" da tecnologia.

3.6. Processo judicial sem papel

Tramita no Congresso Nacional um projeto de lei que dispensa o uso do papel no processo judicial. O Projeto de Lei nº 6.828/2002 da Associação dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe) autoriza o envio das peças por meio eletrônico e elimina a exigência da apresentação de originais impressos. O envio eletrônico de petições e recursos já é permitido pela Lei 9.800/99, mas a norma exige a apresentação de originais em papel até cinco dias depois. "O projeto é um avanço, pois dispensa a cópia em papel", diz o presidente da Ajufe, Paulo Sérgio Domingues.

O uso do sistema dependeria de cadastramento do advogado nos órgãos do Judiciário, que geraria registro e senha para cada profissional. A confirmação de recebimento das peças seria feita por e-mail.

4. O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DA CELULOSE E DO PAPEL

Apesar de todos os esforços para a redução do uso do papel, o setor continua em alta, ganhando mercado, graças à tecnologia da informação. No final do primeiro trimestre de 2003, a análise comparativa entre os meses de março 2002 e março 2003 da Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA) registra aumento de produção em praticamente todos os segmentos. A

única exceção é a queda do consumo de papel para embalagem. Apesar da ligeira queda nas vendas internas (-0,4%), a produção não decresceu, ficando estável em relação ao mesmo período do ano de 2002 cerca de 330,1 mil toneladas fabricadas. Contudo, análises preliminares do mês de abril de 2003 já demonstram uma recuperação nas vendas, o que indica uma retomada da atividade econômica brasileira, já que o segmento de papel para embalagem está associado ao aumento do consumo de produtos em geral, pela sociedade. No setor o clima otimista continua, com aumento de 18,5% na produção de celulose, e de 2,1% na de papel (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA TÉCNICA DE CELULOSE E PAPEL, 2003).

5. DESASTRE AMBIENTAL DA CATAGUASES

Em 29 de março de 2003, o rompimento de uma barragem construída pela Indústria Cataguases de Papel Ltda. provocou o vazamento de aproximadamente de 1,4 milhões de metros cúbicos de resíduos líquidos provenientes de processos industriais.

Estes resíduos eram formados basicamente pela mistura química chamada de "licor negro diluído" e dos despejos fortemente alcalinos do branqueamento, provenientes do estágio da extração alcalina e despejos fortemente ácidos, originados do estágio de oxidação.

O acidente comprometeu gravemente a qualidade das águas dos rios Pomba e Paraíba do Sul, provocando a mortalidade de uma grande quantidade de peixes e outros organismos aquáticos, além de interromper a captação de água para abastecimento para uma população de aproximadamente 600.000 habitantes, em oito municípios localizados no trecho Norte e Noroeste fluminense. Tal situação afetou intensamente os municípios de Santo Antônio de Pádua, Aperibé, Cambuci, São Fidélis no estado do Rio de Janeiro. Nessas localidades, atividades econômicas expressivas da região, como a pesca e a agricultura foram as mais afetadas, provocando uma situação sócio-econômica gravíssima e de difícil solução em curto prazo.

A Indústria Cataguases emprega, no processo de fabricação do papel, grande volume de água, além de liberar uma descarga altamente tóxica contendo também dioxinas e compostos dibenzo furanos. São compostos muito difíceis de degradar e que podem causar inúmeros problemas de saúde como efeitos na reprodução humana, diminuição da contagem de esperma, mal-função do sistema endócrino, diabetes, baixo peso em recém nascidos, baixa coordenação motora e baixo QI

em crianças. As dioxinas são classificadas como carcinogênico importante, pela International Agency for Research on Cancer (IARC).

O Deputado Estadual Carlos Minc pediu um monitoramento preliminar para verificar se havia contaminação dos sedimentos dos rios Pomba e Paraíba do Sul, por dioxinas e furanos. Foram coletadas no dia 8 abril de 2003 amostras de sedimentos e enviadas ao laboratório Analytical Solutions, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Esse laboratório possui certificação do International Standardization for Organizatio - ISO 9002 e do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO) e credenciamento da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente do Rio de Janeiro (FEEMA).

As amostras coletadas na região da bacia dos rios Paraíba do Sul, Pomba em Aperibé e no rio Paraíba do Sul em São Fidélis, Campos e Atafona, na foz, incluindo o manguezal do Gargaú e Ilha da Convivência, influenciadas pelo vazamento de resíduos da Companhia Cataguases de Papel apresentaram contaminação por dioxinas e furanos.

Considerados pela Organização das Nações Unidas (ONU) como poluentes prioritários persistentes (POPs), esses compostos têm como principal característica a dificuldade em eliminá-los do meio ambiente. A possibilidade de acumular no corpo humano torna sua toxicidade a principal responsável pela causa de diversos problemas de saúde, incluindo câncer.

Devido à falta de uma legislação específica para dioxinas no Brasil, todas as amostras podem ser consideradas contaminadas. Uma das medidas recomendadas em curto prazo é um monitoramento intensivo na região, incluindo amostragem detalhada de sedimentos dos dois rios.

A amostragem de peixes e de outros organismos aquáticos também deve ser feita, mas, neste caso, os efeitos de longo prazo em consequência da bioacumulação e biomagnificação devem ser considerados. A pesca é uma atividade economicamente importante na região e boa parte da população depende dessa atividade, tanto para sua alimentação quanto para seu sustento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia da informação, aparentemente sem relação alguma com o meio ambiente, está intimamente ligada ao consumo de papel e, portanto, pode ter um considerável impacto ambiental. É necessária uma conscientização dos profissionais e usuários de tecnologia da

informação que possa levá-los a uma mudança de hábitos no que se refere à diminuição do uso do papel. Recursos para tanto não faltam, pois já existem soluções suficientes para se concretizar a utopia do escritório sem papel. A partir de 1980, quando tudo parecia apontar para a erradicação do papel nos escritórios, algumas empresas apostaram nisso e começaram a desenvolver softwares que ofereciam soluções interessantes com essa finalidade. Hoje temos ferramentas como o Imaging, Workflow, EDI, e-mail, GED entre outras.

O Imaging ou armazenamento eletrônico de documentos é uma solução para conversão de documentos, cujos originais estão no formato de papel ou microfilme, para o meio eletrônico de forma que possam ser consultados através da rede. Os principais benefícios dessa tecnologia são a uniformização da fonte de consulta (e isso significa resolver o problema da perda de documentos e rapidez na localização), economia de espaço que seria usado para o armazenamento de documentos em papel, possibilidade de consulta simultânea do mesmo documento por diversas pessoas etc.

O Workflow ou fluxo de trabalho substitui o trâmite de documentos em papel pelo escritório, com uma interface amigável e de fácil aprendizado. O EDI (Electronic Data Interchange) é uma tecnologia que permite a troca de documentos relativos a transações comerciais e/ou financeiras entre empresas através de acesso remoto. Essa troca de documentos minimiza o volume de papel e reduz os riscos de extravios, além de economizar tempo. Com EDI, as transações podem ser efetivadas imediatamente, agilizando os processos correlatos. O GED (Gerenciamento Eletrônico de Documentos) é um conjunto de tecnologias que permite um completo gerenciamento de documentos na forma digital. Isso significa ter a capacidade de controlar todo o capital intelectual da empresa de uma forma muito mais eficiente. Novamente estamos diante de um problema que aparentemente é tecnológico, mas na verdade, é a resistência humana às mudanças.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA TÉCNICA DE CELULOSE E PAPEL – ABTCP. Pesquisa no site. Disponível em: <<http://www.abtcp.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2003.
- BOHN, Roger E.; SHORT, James E. How much information? 2009: Report on American consumers. University of California. San Diego: Alfred P. Sloan Foundation of New York, 2009.

BRANCO, S. M. O fenômeno Cubatão na visão do ecólogo. São Paulo: CETESB, 1984.

BRETERNITZ, J.V. Escritório sem papel? Esqueça (ao menos por enquanto...). Comportamento, 13 jun. 2001. Disponível em:

<<http://www.widebiz.com.br/gente/vivaldo/sempa pel.html>>. Acesso em: 2 mar. 2004.

CHAN, L. Electronic journals and academic libraries. Library Hi-Tech, Ann Arbor, v. 17, n. 1, p. 10-16, 1999.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - Resolução CONAMA, n. 001, de 23 de janeiro de 1986. Diário Oficial da União, Brasília, 17 fev. 1986.

CRUZ, A. A. A. C. et al. Impacto dos periódicos eletrônicos em bibliotecas universitária. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 32, n. 2, p. 47-53, maio/ago. 2003.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES – FEBAB. AACR -Anglo-American Cataloguing Rules. Disponível em:

<<http://www.febab.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2003.

INTEL, Moore's Law. Disponível em <http://www.intel.com/technology/mooreslaw/>, Acesso em 09 mar 2010.

KRZYZANOWSKI, R. F.; TARUHN, R. Biblioteca eletrônica de revistas científicas internacionais: projeto de consórcio. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 193-197, maio/ago. 1998.

LANCASTER, F. W. The evolution of electronic publishing. Library Trends, Urbana, Illinois, v. 43, n. 4, p. 518-527, Spring 1995.

MAGRO, M. E. Processo judicial pode dispensar uso do papel. Valor Econômico, São Paulo, 16 jul. 2002.

MEADOWS, J. Can we really see where electronic journals are going? Library Management, Bradford, v. 18, n. 3, p. 151-154, 1997.

ROWLEY, J. The question of electronic journals. Library Hi-Tech, Ann Arbor, v. 18, n. 1, p. 46-54, 2000.

INFÂNCIA E INDÚSTRIA CULTURAL: A ERA DO CONSUMISMO E DA CULTURA DESCARTÁVEL

Solange Estanislau dos Santos
 Professora da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
 Mestre em Educação

RESUMO: Este artigo faz uma breve explanação sobre a infância mergulhada nesse universo do consumismo e da cultura descartável, ampliando o debate para o próprio delineamento dos conceitos de infância e cultura numa tentativa de introduzir a emergente discussão sobre as chamadas culturas infantis e (re) definir o papel da escola.

PALAVRAS-CHAVE: infância, culturas e escola.

TITLE:

ABSTRACT: *This article is a brief explanation of childhood immersed in this world of consumerism and the disposable culture, extending the debate to the actual design about the concepts of childhood and culture in an attempt to introduce the emerging discussion about called cultures children and redefine the role of the school.*

WORD- KEIWORD: *childhood, cultures e school.*

INTRODUÇÃO

Nesta concisa explanação, procurarei expor a teoria da indústria cultural, elaborada por Adorno e demais representantes da Escola de Frankfurt, entrelaçada às idéias de infância e culturas infantis e permeada pela discussão do papel da educação na era do consumismo.

Tomando como ponto de partida os estudos culturais em educação, voltamos nossa atenção para o conceito de

[...] cultura transformada em mercadorias que vão moldando nossas maneiras de ser e de viver [...] conformando nosso gosto, nossos sentidos, nossos desejos, nossos relacionamentos, nossos eus privado e público, enfim, vão modelando nossas subjetividades e fabricando identidades destes tempos (COSTA, 2003, p.183).

Partindo desse pressuposto, introduzimos as crianças num contexto de manipulação, de política cultural e política de representação, no qual a infância é capturada como alvo dos artefatos culturais, tais como a mídia, os *shoppings centers*¹, a televisão, as fotografias, os vídeos e filmes assim como por teorias científicas e filosóficas. Estas últimas travam uma luta de representação a fim de governar os sujeitos infantis, atribuindo-lhes determinada identidade e significados.

Diante dessas tentativas de delineamento de um determinado conceito de infância é que durante muitos séculos discursos filosóficos impõem imagens universais de crianças. Do pensamento filosófico de Platão nascem duas linhas que tratam da infância e de sua educação. A primeira atravessa a pedagogia cristã, com Santo Agostinho, e nos é transmitida através do racionalismo cartesiano. Apresenta a infância como um mal necessário, uma condição próxima do estado animalesco e primitivo, sendo que as crianças seres privados de razão, que precisam ser

corrigidos, devido às suas tendências selvagens, irrefletidas e egoístas, que ameaçam a construção da cidade humana edificada com base na razão (GAGNEBIN, 1997).

A segunda linha atravessa o Renascimento, com Montaigne, e chega às nossas escolas ditas alternativas, por meio do romantismo de Rousseau; questiona a educação, pois não serve de nada encher as crianças de regras e ensinamentos, sendo a verdadeira educação um preparo adequado da alma, para que nelas, individual e naturalmente, possa crescer e se desenvolver a inteligência de cada criança, respeitando o interesse e o ritmo de cada um em particular (IBID.).

Atualmente, nos discursos acadêmico-científicos existem muitas controvérsias em conceituar a infância e o que é ser criança, predominando representações ora de ser frágil inocente e dependente, ora criança moderna, independente, persistindo a idéia de adulto em miniatura. Ao mesmo tempo em que algumas correntes teóricas apontam para o desaparecimento da infância.

É nesse ínterim que a cultura se torna central na condução de nossas vidas, constituindo formas de ser, de viver, de compreender e de explicar o mundo (COSTA, 2003).

A cultura faz-se assim em acontecimento, rotina e ruptura, parte do revestimento mais de superfície da sociedade, mas também seu cerne, a parte profunda que a constitui em emoções, hábitos, sentimentos, representações e conflitos. Assim para o sujeito social, a cultura é e representa a experiência vital de seu tempo e de seu espaço em termos de si mesmo e do outro (GUSMÃO, 1999, p.47)

A cultura tornou-se um produto consumível, que cria a ilusão de satisfação limitada, descartável, perfeita e real, simultaneamente uniformiza os sujeitos transformando-os em coletivo/massa de

consumidores, heterônomos, adaptados e modelados.

A indústria cultural não sublima, ao expor o objeto de desejo, ela reprime, impede a perfeição, simplifica e reduz o sujeito, negando sua individualidade, tornando-o genérico, descartável e substituível, ela objetiva a vida e torna tudo imediato.

É por meio da publicidade que a indústria cultural inculca as idéias do *status quo*², legitimando as desigualdades por meio do consumo de bens culturais. Uma vez que, é pelas imagens que se produzem certos elementos da realidade, mercadorias que se transformam em “espelho em que as pessoas veriam refletidas suas imagens e buscariam retirar delas sua linguagem” (FONTENELLE, 2002, p.283).

Nesse sentido é que a cultura torna-se descartável, na medida em que as imagens/mercadorias voltadas para o consumo desenfreado deslocam-se “continuamente – em função da concorrência e das mudanças de gostos e estilos” (id, p.286). “A descartabilidade da cultura é a própria condição para a reprodução acelerada do capitalismo ‘de imagens’” (id, p.289). Concomitante a esse processo de descartabilidade ocorre, atualmente, o movimento de generalização em que tudo se tornou cultura (Id, p.288).

Conquanto, nesse jogo de publicidade o que se consome é um estilo de vida, cujas imagens estão “ocupando o lugar de um discurso ideológico” (id, p. 290), do qual as marcas dão “significado ao que se vive” (id, p.302).

Deste modo, ao situarmos a infância no universo da indústria cultural, que como vimos, manipula e re-significa a realidade social, tomamos a criança também como sujeito - consumidor que é, a qual por efeitos da globalização tornou-se globalizada, ocasionando mudanças e a pluralização das suas identidades (SARMENTO, 2003, p.15).

Segundo este autor português, essa “globalização da infância” decorre de processos políticos, culturais, econômicos e sociais. Incluindo-se nos processos econômicos a criação de um mercado global de produtos para a infância e nos processos culturais, a influência dos mitos infantis criados a partir das séries internacionais de televisão (IBID.).

Trata-se, portanto, de uma reinstitucionalização da infância ocorrida por efeito de mudanças na globalização social, na crise educacional e nas mutações do mundo do trabalho (ibid, p.16).

Aflui, por conseguinte, um processo ambíguo de homogeneização da infância por meio, inclusive, da publicidade de produtos para a infância, da difusão de discursos sobre os direitos da criança e de heterogeneização da infância, decorrentes das

disparidades entre as crianças dos países centrais e aquelas dos países periféricos. O autor conclui que,

As pressões uniformizadoras devem-se aos efeitos simbólicos da difusão e do impacto do mercado de produtos para a infância, da multiplicação das agências, dos espaços e dos dispositivos de formação identitária, e da pressão hegemônica das ‘indústria de conteúdos’ sobre as crianças (SARMENTO, 2003, p.21-2).

Os processos políticos, sociais, econômicos e culturais que Sarmento (2003) aponta como responsáveis pela “globalização da infância” também são, segundo Leo Maar (1997, 475) características da indústria cultural, na qual

[...] a própria organização da cultura é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os à economia e à política e, logo, ao vigente [...] o que comumente se chama de cultura refere-se a um âmbito político socialmente embasado.

Nessa totalidade, encontram-se as crianças, consumidoras em potencial, garoto propaganda e mão-de-obra barata na produção dos bens culturais, esses que por sua vez, excluem a maioria delas do universo prazeroso que o consumo proporciona com a ilusão de um incessante processo de socialização.

Diante de um suposto fracasso dessa socialização que a indústria cultural proporciona

[...] é preciso desconfiar da “cultura”, deixando de lhe atribuir valor inquestionável; ela é um ingrediente fundamental da dominação por sua função afirmativa, nos termos da constituição de uma formação social estruturada no processo de reprodução da sociedade capitalista [...] Cultura é a experiência da abstração substituindo a experiência social concreta da formação social contemporânea do capitalismo (LEO MAAR, 1997, p.474).

Essa indústria cultural possui também, um processo de contradição, no qual as pessoas são transmissores e receptores de informações, produtores e consumidores de cultura, resultando na criação de focos de resistência, por parte da própria indústria da cultura de massa e “alimentados por suas próprias contradições” (GIROUX, 1997, p.116).

Nesse movimento de repressão e libertação proporcionado pela indústria cultural, situa-se a racionalidade tecnocrática que garante a hegemonia cultural e desponta numa industrialização da mente³ na qual a ordem existente é vendida, expandindo e treinando “a nossa consciência – a fim de explorá-la” (IBID.). Ainda que, essa indústria da consciência não possa produzir cultura, só podendo reproduzi-la e distribuí-la (ibid, p.116).

Tal análise nos permite indagar sobre a falsa sensação de bem-estar que essa cultura nos proporciona, tornando a realidade irreal e os sujeitos fantoches nas mãos daqueles que produzem e manipulam os artefatos culturais. Vivemos numa sociedade manipulada? E a educação, o que tem a ver com isso?

Essas e outras questões permearão esse texto como indagações que não serão totalmente, e talvez, nem parcialmente respondidas, serão apenas reflexões que nos inquietam e incomodam.

1. A CRIANÇA E A MÍDIA: PRODUZINDO CULTURAS?

A relação da criança com a mídia/meios de comunicação em massa tem sido alvo de diversas pesquisas acadêmicas e de iniciativas de organizações governamentais⁴ - ONG's interessadas na educação e nos direitos da criança. Tornou-se comum a realização de eventos⁴ e a elaboração de livros que abordam os problemas e desafios relacionados à infância e a mídia.

Estes estudos e eventos elencam como desafios uma “educação para a mídia” que amplie e democratize o acesso de todas as crianças aos meios de comunicação e, por conseguinte, que a mídia respeite seus direitos, quais sejam: “acesso à informação, proteção e participação” (DAVID, 2002, p.37).

Essas preocupações são alimentadas pelo papel central que a mídia desempenha na sociedade e pelos diagnósticos realizadas pelas pesquisas da área, que detectaram a presença e o acesso das crianças a esses meios de comunicação. Embora tal presença e até mesmo o acesso sejam desiguais, essas pesquisas também constatarem, ao analisar os conteúdos da produção da mídia que, especialmente em programas e livros infantis, as crianças são sub-representadas, sendo os menores de idade, quase invisíveis, onde suas vozes são raramente ouvidas (FEILITZEN, 2002, p.22).

Ao aparecerem com maior destaque nos comerciais, as crianças provam seu valor, como atuais e futuros consumidores e como estratégia de venda, cujas representações variam de um programa para outro, de um livro para o outro conforme o contexto social, cultural e geográfico a que se destina (ibid).

Vale enfatizar a exceção dessas práticas a programas infantis, nos quais seus produtores estão, geralmente, preocupados em compensar as crianças dos malefícios causados pela mídia destinada aos adultos (FEILITZEN, 2002).

Outra preocupação que apontada nas pesquisas, é a influência da violência veiculada nesses meios de comunicação, não somente “a violência visível, física, clara e sua ameaça – assassinatos, sangue,

tiros, lutas, massacres etc.” [...] mas também a “violência estrutural e mental mais latente” (id, p.22).

À luz dessas influências, a criança vai sendo deixada de lado, tanto no que diz respeito aos conteúdos transmitidos, que pouco ou nada condizem com o que elas desejam ver, saber e contemplar, como também não fazem parte do processo de produção desses bens.

Esse quadro começa a mudar a partir de iniciativas que procuram ver e ouvir os pontos de vista infantis, incluindo sua participação efetiva e não mais controlada e dirigida pelos adultos, na qual elas possam encontrar seus próprios sonhos cotidianos e sua própria cultura e realidade local, social e étnica na mídia (FEILITZEN, 2002, p.33). Segundo a autora estes exemplos

[...] mostram claramente que as crianças, através de sua participação criativa na mídia, tornaram-se fortalecidas – que a participação reforçou seu orgulho, senso de poder e auto-estima, uma vez que sentiram que sua voz tem valor, que pertencem à sua comunidade, que compreenderam sua própria cultura, bem como a dos outros.

Se tomarmos a televisão como um dos artefatos culturais em que as crianças têm sua representação, em alguns casos, condizente com os seus direitos, por meio de programas infantis que lhes proporcionam essas subjetividades e, conseqüentemente, seu bem-estar, veremos na contramão, que a TV também é um bem cultural que oferece uma sensação de igualdade social, na medida em que todos têm acesso aos mesmos conhecimentos. Embora também é responsável por uma aprendizagem, na qual as crianças aprendem, utilizando nas suas conversas e brincadeiras, as imagens, assuntos, linguagem e estilo veiculadas pela TV, formando assim uma sub-cultura infantil, nova e desconhecida para o adulto (MERLO-FLORES, 2000, p.204).

Considerando a TV um dos meios, produzido pela indústria cultural, mais difundidos mundialmente, capaz de, através das imagens, som e movimento que a compõe, ampliar a capacidade do homem de representar o mundo (COSTA, B., 1998, p.184) que David (2002) problematiza a presença das crianças nesses meios de difusão em massa:

[...] afetadas por esta indústria de três ângulos diferentes: o impacto da propaganda sobre suas atitudes e crenças; o envolvimento das crianças no mundo da propaganda; e a imagem da criança transmitida pelas agências de publicidade. [...] As crianças envolvidas na propaganda estão vulneráveis a três tipos de exploração: a exploração de sua imagem, de

suas capacidades e de seus direitos como trabalhadores (DAVID, 2002, p.41).

É nesse movimento de participação e exclusão que se insere a cultura de massa, definida como “uma reestruturação manipulatória da cultura formativa pela indústria cultural que controla a mídia, pela passividade imposta ao consumidor e pelo estrito controle do proprietário” (LEO MAAR, 1997, p.79).

Nesse contexto se insere a discussão sobre as culturas infantis, as quais “não se reduzem a elementos linguísticos, antes integram elementos materiais, ritos, artefactos, disposições cerimoniais e também normas e valores” (MOLLO-BOUVIER, 1998, apud SARMENTO, 2002) que estão permeando a sua participação na indústria cultural.

Como afirma Sarmiento é preciso levar em consideração que existem formas especificamente infantis de simbolizar e interpretar o mundo, quais sejam:

[...] dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares das crianças com os adultos, estruturando-se nessas relações formas e conteúdos representacionais distintos [que] imprimem a cultura societal em que se inserem [...] ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação do mundo e simbolização do mundo.

Tudo isto deveria ser prioridade na produção de bens culturais destinados à criança, em que seus direitos e a sua cultura teriam vez e voz, tornando-as dessa forma, sujeitos ativos e produtores dos produtos que consomem.

2. INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO

“Formação, hoje, tornou-se uma socialização da semiformação” (*Halbbildung*)⁸. É com base nessa afirmação de Adorno que desenvolveremos nossa reflexão, em torno da idéia de que hoje o que ocorre é uma semiformação ou semicultura, gerada pela influência dos impactos da indústria cultural.

Por intermédio dos artefatos culturais e meios de comunicação em massa é que se expande a realidade social, mascarada pelos mecanismos de produção da indústria cultural, na qual a mídia é um dos dispositivos de proliferação de informações instantâneas e efêmeras, sendo “a fragmentação e imediatismo da informação a ordem do dia” (GIROUX, 1997, p.118), o que desperta no sujeito uma sensação de conhecimento, de formação cultural.

Essa ilusão generalizada é uma consequência da “crise nos mecanismos de formação (Bildung)

que, por sua vez, é indício de uma crise mais ampla da própria cultura” (DUARTE, 2003, p.442).

Trata-se, portanto, de uma consciência alienada, o sujeito ao acreditar que possui uma formação culta, se fecha à auto-reflexão crítica num processo de comodismo e satisfação. Tal satisfação se dá também pelo “fetiche da mercadoria” (ADORNO, 1996, p.400) pelo prazer incessante e real que o consumo oferece. Tomase, assim, a própria sociedade como ideologia, e, por conseguinte, “a cultura é a sociedade como ideologia”, onde o falso é “a cópia da sociedade se impondo como efetiva” (LEO MAAR, 2003, p. 464).

Nesse processo de contentamento, no qual a própria cultura se converteu em semiformação, sendo que essa “semiformação vai muito além de uma ‘perturbação pedagógica’ no interior de uma determinada situação social educacional” (ibid, p.471):

A semicultura aparece como isenta de responsabilidade, o que muito dificulta sua correção pedagógica. Sem dúvida, somente uma atuação de psicologia profunda poderia contestá-la, uma vez que, em fases precoces do desenvolvimento, se afrouxam seus bloqueios e se pode fortalecer a reflexão crítica (ibid., p.408)

Existe, segundo Adorno, uma antinomia no problema da formação cultural, não sendo possível mudá-la isoladamente. Trata-se de correlacioná-la a processos econômicos, sociais, culturais e políticos que regem os preceitos da indústria cultural.

Na perspectiva deste autor, o que a formação atual faz é apenas uma continuidade do existente, por isso, torna-se uma semiformação, há apenas uma “reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural” (LEO MAAR, 2003, p.461). É nesse sentido que, “no mundo reconstruído o sujeito semiformado torna-se como sujeito do mundo que meramente reproduz” (id, p.463). Como resultado desse ciclo de representações mediadas pelos artefatos culturais, é que “aquilo que é semicompreendido e semi-experenciado não é o estágio prévio da cultura, mas seu inimigo mortal” (ADORNO, 1996, p.111 apud DUARTE, 2003, p.445).

O que ocorre é uma duplicação na consciência dos homens daquilo que já existe, e ao fazer isso, a indústria cultural forma a consciência do sujeito, confirmando o mundo na ordem estabelecida (LEO MAAR, 2003).

Observa-se que a semiformação é a produção, por parte dos sujeitos, de sua própria sujeição no tempo, e é nessa direção que a educação deve agir,

no sentido de uma negação determinada do existente rumo ao porvir, trata-se do fato de que

A existência é uma determinação, e o real não deve ser eliminado como absoluto, mas negado em sua determinação, num movimento de superação e conservação que é a negação determinada (LEO MAAR, 2003, p.469, grifos do autor).

Toma-se então, dois processos, o de continuidade, no qual a semicultura se difunde utilizando-se, nas escolas, métodos decorebas para fixar nos alunos, datas, nomes e fórmulas que serão imediatamente substituídos por novos conteúdos; e a noção de temporalidade em que os objetos de estudo necessitam de vínculos temporais, numa ligação entre presente-passado-futuro, situando a educação num processo de adaptação e de distanciamento da realidade (ZUIN, PUCCI, RAMOS-DE-OLIVEIRA 1999).

É nessa direção que, segundo Adorno (1995, p.143) “a educação seria impotente se ignorasse a adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (apud LEO MAAR, 2003, p.472). Contudo, a educação deve visar à emancipação/conscientização que proporcione aos sujeitos refletirem criticamente sobre o que lhes é oferecido como natural e não como algo socialmente determinado e construído, possibilitando dessa forma, a crítica à semiformação real, mostrando que os homens são permanentemente enganados e as falsidades veiculadas. Trata-se, em vista disso, de uma “educação para a contradição e para a resistência”, tendo em mente que “a contradição social é o ‘remédio’ para a ‘doença da sociedade’ que é a semiformação” (id, p.473).

Foi com base na teoria da indústria cultural ou, como preferiu denominar, cultura de massas, que Giroux (1997)⁹ apontou como consequência dessa semiformação o novo analfabetismo, responsável por bloquear o pensamento crítico, logo, a execução de uma cidadania autônoma. Torna-se preciso redefinir o que é alfabetismo, eximindo-o de ser apenas o domínio da técnica de leitura e escrita, transformando-se na capacidade de leitura e análise crítica dos conhecimentos, questionando os mitos e crenças vigentes e restituindo-se numa prática dialógica.

É nesse emaranhado de informações e na sua consequente semiformação que emerge a proposta de uma educação para a mídia⁹ como uma

[...] forma de contrabalançar as representações simbólicas distorcidas das crianças na mídia – a opressão cultural infantil – bem como a violência tradicional da mídia e muitas outras construções distorcidas de gênero, classe, raça etc., que também resultam dos interesses da

mídia e de certos grupos (FEILITZEN, 2002, p.27, grifos nossos).

Além de garantir os direitos básicos da criança, já referidos anteriormente, uma educação para a mídia deve, por meio da participação infantil, mudar a sua própria produção assim como a realidade social, a partir das opiniões expressas pelas crianças que, ao intervir na produção da mídia estará influenciando a sociedade, participando de questões sociais relevantes para elas, por conseguinte, estará aumentando o seu papel na sociedade e logo, também na mídia (FEILITZEN, 2002).

Diante dessas considerações, a autora, sintetizando alguns pontos semelhantes das pesquisas realizadas sobre o assunto¹⁰, assinala que a educação para a mídia deve emanar dos alunos, significando pensamento crítico, o qual é atingido pelas próprias produções dos alunos, sendo necessária para a participação e democracia, deve vir ao encontro da globalização e abranger toda mídia (IBID.).

Também se inclui nesse projeto de educação para a mídia¹¹ o papel do professor, o qual deve estar atento aos avanços teóricos da ciência da comunicação e da pedagogia, além de contribuir na construção de uma rede interdisciplinar - não apenas com professores, mas também com pesquisadores, pais e profissionais da mídia - que disponha de conferências e publicações sobre novos métodos e materiais pedagógicos (IBID.).

Dentro dessa premissa, colocamos uma preocupação que Marisa Vorraber Costa, explicita bem:

Um conjunto de sérias questões, abordadas por muitos analistas das sociedades e das culturas contemporâneas, parece continuar sendo ignorado por uma parcela significativa de profissionais da educação. Já é tempo de nos darmos conta de que o mundo mudou muito também dentro das nossas escolas (COSTA, 2003, p.34).

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dessas explanações, reconhecemos que a escola é um espaço cultural onde esses saberes deverão intervir e regular as relações sociais e de poder. O sentido e importância aí presentes, dos estudos culturais, também são afirmados por autores como Stuart Hall:

No cerne desta questão está à relação entre cultura e poder. Quanto mais importante – mais central – se torna a cultura, tanto mais significantes são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de

regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural. (HALL, 1997, apud BUJES, 2000, p. 227).

O que existe é um jogo de representações que definem os sujeitos, moldando e controlando as suas práticas. É o que se observa, por exemplo, nas conceituações sobre a criança ao longo dos séculos. Diversas teorias, a partir de seus respectivos enfoques científicos, tomam a criança como objeto e a constitui como objeto teórico. E nesse fogo cruzado estão à escola e os professores, responsáveis pela educação da criança real. Não é por acaso que

[...] nossas salas de aulas estão cada vez mais povoadas de jovens seres do século XXI, e nós, professores e professoras, confusos ou míopes, continuamos a enxergar ou a fazer de conta que lá estão os meninos e as meninas imaginados pelas teorias dos compêndios dos séculos XVII, XVIII, XIX e parte do XX (COSTA, 2003, p.3).

Toma-se, por isso, como central a função da educação e de seus agentes no processo de transformação da realidade social e na consequente superação da semiformação. Porém, acreditamos assim como Adorno (1985, p.185) que, “quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. Teoria da Semicultura. In: **Educação e Sociedade: Revista quadrimestral de ciência da educação**. Campinas, ano XVII, n.56, out/dez, 1996, p.388-411.
- _____. A indústria cultural. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986 (Coleção grandes Cientistas Sociais).
- BUJES, M.I. E. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, B.C.G. Comunicação mediática no processo de mundialização da cultura. In: ZUIN, A.A.S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (orgs.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: UFSCar, 1997, p.181-194.
- COSTA, M. V. **A Pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossas escolas**. In: Jornal a página da educação, ano 12, n°127, out/2003, p.34. Disponível em www.ufrgs.br/neccso acesso em 9/09/2004.
- DAVID, P. Os Direitos da Criança e a Mídia: Conciliando Proteção e Participação. In: CARLSSON, U. & FEILITZEN, C.V. (orgs.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, p.37- 42.
- DUARTE, R. Esquematismo e semiformação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v.24, n° 83, p.441-457, ago.2003.
- FEILITZEN, C. V. Educação para a Mídia, Participação Infantil e Democracia. In: CARLSSON, U. & FEILITZEN, C.V. (orgs.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002, p.19-35.
- FONTENELLE, I. A. A fusão entre publicidade e cultura: sobre a “estetização do valor”. In: **O nome da marca: McDonald’s, fetichismo e cultura descartável**. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 279-297.
- _____. As marcas do capitalismo: as aporias do sujeito numa cultura descartável. In: **O nome da marca: McDonald’s, fetichismo e cultura descartável**. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 299-331.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (Org.) **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 83-99.
- GIROUX, H. A. A cultura de massas e o surgimento do novo analfabetismo: implicações para a leitura. In: GIROUX, H.A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.111-122.
- GUSMÃO, N.M.M. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n° 107, p.41-78, jul/1999.
- LEO MAAR, W. Adorno, semiformação e educação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v.24, n° 83, p.459-476, ago.2003.
- _____. A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (orgs.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes; São Carlos, SP: UFSCar, 1997, p.45-87.
- MERLO-FLORES, T. Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentino. In: CARLSSON, U. & FEILITZEN, C.V. (orgs.). **A criança e a violência na mídia**. Trad. Maria Elizabeth Santo Matar, Dinah de Abreu Azevedo. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000, p.187-215.
- SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, R. L. & FILHO, A. L. (orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-28.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. **Adorno. O poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

Notas

¹ Centro de compras

² Posição social

³ Termo utilizado por FONTENELLE (2002).

⁴ Termo cunhado por Hans Enzensberger, 1974 apud Giroux, 1997,p.113.

⁵UNESCO, União Européia

⁶ Podemos citar alguns deles como o Dia internacional da Transmissão Infantil do unicef – 1997, o Encontro asiático dos direitos da criança e a Mídia – 1996 e o Terceiro Encontro Mundial da Mídia Infantil – 2001 que em 2003 foi realizado no Brasil.

⁷ ADORNO, 1979, p.575, apud MAAR, 1997, p.83

⁸ Um dos pressupostos de Giroux é que, por meio da cultura impressa poderemos atingir a emancipação.

⁷ Termo utilizado por Aronowitz apud Giroux, 1997

⁹ Termo utilizado por Cecília Von Feilitzen, Coordenadora Científica da Câmara internacional da UNESCO para Crianças e a Violência na Tela

¹⁰ Essas pesquisas compõem o livro organizado por Feilitzen e Carlsson, intitulado: A criança e mídia – imagem, educação, participação.

¹¹ A educação para a mídia não é uma disciplina, ela deve estar inserida num projeto interdisciplinar, sem prevalência de nenhuma disciplina (FEILITZEN, 2002, p.32).

MNEMOSÝNE E LÉTHE PARA A MITOPOIÉSIS DA LINGUAGEM

Edson Fernandes

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia

Pesquisador e Escritor de Ficção, Romance e Crônicas

Doutor em Comunicação

RESUMO: No texto, o binômio memória-esquecimento é visto na tradição mitológica grega pelo canto poético das musas por Hesíodo, extraído também da maiêutica socrática e da dialética platônica, fornecendo subsídios para a reflexão do ser e do não-ser para a revelação da linguagem. Forma e Idéia sevem de ponte para ligar a tradição cultural mítica aos meios eletrônicos digitais pós-modernos e o questionamento da supermemória (máquinas inteligentes) e do esquecimento (arquivos digitais apagados) como alívio da dor de quem lembra permanentemente ou da memória que se exclui. Narrativas das musas gregas, a palavra e a escrita e finalmente o movimento da linguagem em suportes eletrônicos são refletidos na historicidade da busca de um sentido para a linguagem da mitopoiésis.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, mitologia, cibercultura e filosofia.

TITLE: *Mnemosýne e léthe para a mitopoiésis the language.*

ABSTRACT: In the text the binomial memory-forgetting is seen in the Greek mythological tradition of the corner of the poetic muses for Hesiod, also extracted from maieutic Socratic and Platonic dialectic, providing support to a reflection of self and non-being for the development of language. Form and Idea Sevem for linking the cultural tradition of mythic electronic digital and post-modern questioning of supermemory (intelligent machines) and forgetting (digital files deleted) and pain relief for those who remember permanently or memory that is possible. Narratives of the Greek muses, speech and writing and finally the movement of language in electronic media are reflected in the historicity of the search for meaning in the language of mitopoiésis.

WORD- KEIWORD: *language, mythology, philosophy and cyberculture.*

Em a origem dos deuses, na *Teogonia*, de Hesíodo, as Musas são geradas pela união de *Mnemosýne* com Zeus. Cantam as Musas o aparecimento do mundo, o surgimento dos deuses, o princípio da humanidade¹, fazem revelações (*alétheia*), anunciam a aparição da linguagem, onde a poesia é ser-aparição, revelado na linguagem que nomeia ao cantar das Musas. Colocam o esquecimento (*lesmosýne*) como a aparição da noite que poupa as aflições guardadas pela memória. O paradoxo do poder sobre o ser e o não-ser, a dicotomia entre a revelação e o esquecimento, enquanto poder que dirige o destino do mundo: a memória como poder de revelação da vida e a morte como poder do esquecimento.

As deusas abrem a poesia de Hesíodo no prêmio do hino às Musas, cantam sobre a gênese dos deuses. Assim, principia a *mitopoiésis*, o início do mundo, o verbo inaugural da narrativa dos deuses no Olímpio, mas somente no verso 915, “os deuses Olímpios”, a revelação do nascimento das Musas é identificado no amor entre Zeus e Memória:

Amou ainda Memória de belos cabelos, dela nasceram as Musas de áureos bandôs, nove, a quem aprazem festas e o prazer da canção. (HESÍODO, 2003, p. 915-917).

Mnemosýne rege a função poética, ao revelar no canto de suas filhas a memória do mundo, revelação esta que causa conforto e desconforto, prazer e dor, pois nem todo o tempo eterno

emerge do deleite da *mitopoiésis*, mas também dos males que vêm à tona na memória. A aparição da presença do ser é revelada, mas se é o não-ser o revelado, então a ausência do ser torna-se elemento presentificado, a fonte do esquecimento sob o domínio da noite, para o oblívio dos males e das aflições. Segundo Jean-Pierre Vernant, *Mnemosýne* é aquela que faz recordar, mas *Léthe*, nascente dos infernos, onde as almas dos mortos desenterram, para o esquecimento dos males e do sofrimento do passado, provoca o inevitável *lesmosýne*, o necessário esquecimento das recordações.

Verificamos esta questão no trecho poético abaixo da *Teogonia*, em que as nove filhas são geradas no tempo de nove noites, período este, da noite, para a manifestação das trevas, e, portanto, ausência da luz para a memória e para a iluminação do passado, fazendo com que os males venham a emergir dos infernos de Hades e mergulhando a memória no rio do esquecimento, como a fonte da água da morte no mundo inferior e profundo do passado, o qual não deverá trazer à tona as profundezas da lembrança de tudo o que viu e ouviu, mas exercer o papel de esquecer:

Na Piéria gerou-as, da união do Pai Cronida, Memória rainha nas colinas de Eleutera, Para oblívio de males e pausa de aflições. Nove noites teve uniões com ela o sábio Zeus Longe dos imortais subindo ao sagrado leito. (HESÍODO, 2003, p. 53-57).

Os mitos de memória manifestam-se pela tradição oral e por escritos em documentos herdados da civilização grega de narrativas míticas, antes mesmo da difusão da escrita. Na criação da *mitopoiésis*, a narrativa dicotômica entre Memória-Esquecimento, na Teogonia de Hesíodo, apresenta duas fontes de conhecimento mitológico. Por um lado *Mnemosýne* representa a revelação através do canto poético das Musas, por outro, sua associação com *Léthe* emerge como força infernal e atua no limiar do além-túmulo². Entretanto, o tempo na Teogonia não é quantitativo, mas qualitativo, portanto não-linear, e assim a idéia de retorno cíclico temporal, de ciclo de renovação da morte (esquecimento - *lesmosýne*) e de nascimento (*anámnesis* - para o conceito em Platão), está presentificado na *alétheia* do ser: aparição da linguagem como um ciclo do devir.³ Nesse sentido, o binômio Memória-Esquecimento manifesta uma “doutrina de reencarnação das almas”², o movimento cíclico de fim e começo, de vida e morte, de lembrança e esquecimento.

Memória e esquecimento em Platão apresentam-se como o encontro da verdadeira natureza do conhecimento e a ignorância da enfermidade na alma, respectivamente. Em uma passagem nos diálogos de Platão, Sócrates discute com Mênon sobre a imortalidade da alma em suas repetidas reencarnações, evocando, a alma, à memória, às lembranças da sapiência humana, levada à luz da consciência o processo da *maieutica* do conhecimento. Este aspecto reflete a noção de *alétheia*, em que a verdade como evidência conclama uma alma que toma iniciativa, “capaz da correspondência entre a atividade cognitiva da alma e a idéia”⁵.

A alma, é, pois imortal; renasceu repetidas vezes na existência e contemplou todas as cousas existentes tanto na terra como no Hades e por isso não há nada que ela não conheça! Não é de espantar que ela seja capaz de evocar a memória, a lembrança de objetos que viu anteriormente, e que se relacionam tanto com a virtude como com as outras cousas existentes. Toda a natureza, com efeito, é uma só, é um todo orgânico, e o espírito já viu todas as cousas; logo, nada impede que ao nos lembrarmos de uma cousa – o que nós, homens, chamamos de ‘saber’ – todas as outras cousas ocorram imediata e maquinalmente à nossa consciência. A nós compete unicamente nos esforçarmos e procurar sempre, sem descanso. Pois, sempre, toda investigação e ciência são apenas simples recordação. (PLATÃO, 2004, p. 85)

Portanto, a *anámnesis* em Platão explica que tomamos a posse da noção de verdade, e,

indubitavelmente, somos encaminhados para a dialética em Platão do mundo sensível e do mundo inteligível. As narrativas na concepção dos mitos nos afirmam a respeito do nascimento das Idéias sobre o mundo e da Forma que damos para essas Idéias ao formar o mundo. Contudo, a alma através da *anámnesis*, unifica o fim e o começo de forma circular, “a imagem móvel da eternidade imóvel”⁷, que na imagética do círculo representa simbolicamente a infinita extensão do universo *urobórico*, para todo o conhecimento que nele contém e reúne sua sabedoria na consciência que esquece em sua última encarnação. Mas será na fonte da memória (*Mnemosýne*) que reaprenderemos a lembrar, e necessariamente, por força da natureza, rememoraremos o universo das Idéias, percorrendo um movimento cíclico para a aparição de *alétheia*.

Essa condição da revelação do ser, segundo Jaa Torrano, está no domínio da linguagem, que impera na aparição e no esquecimento, porque é na linguagem, e somente nesta, que o nomeado repousa no ser, enquanto imanência recíproca, onde ser e linguagem estão reciprocamente contidos e interrelacionados entre si. Para Ernst Cassirer, a palavra deve ser considerada como ser substancial, e em sentido mítico, como função do espírito. A linguagem, colocada como uma força do espírito humano revela o percurso histórico do pensamento, enquanto relação com a mitologia nas esferas da atividade espiritual. Nesse sentido, Platão, ao estabelecer a relação mítica com a memória, “transformou profundamente a concepção da *psyché* humana e aproximou a alma do ‘homem interior’”⁷, em que transformar e aproximar revelam o ser espiritual.

Portanto, essas concepções metafísicas e psíquicas de *Mnemosýne* transformam nossas consciências pela revelação da linguagem mítica, enquanto Forma e Idéia as quais qualificam a narrativa oral, escrita e eletrônica em manifestações mitológicas na cultura, o que não significa necessariamente o reflexo da alma nas narrativas, mas a própria alma narrada em suportes, expressa na Forma de som, imagem e movimento eletrônico. Não enquanto simbolismo da evolução do homem, todavia em um momento vivido pela experiência de uma dada cultura, o instante efêmero e não o estágio evolutivo, a situação em que se vive e não o desenvolvimento da técnica dada por Prometeu na forma de fogo aos homens.

A modernidade estaria operando o problema da linguagem a partir das técnicas desenvolvidas pelos meios eletrônicos sem levar em consideração a historicidade dessa linguagem sob suas tradições? Esses meios causariam a mera sensação da experiência, muito mais no mundo

das sombras da caverna de Platão do que a proposta do acúmulo e organização do conhecimento e da informação à luz da ciência? Não estaríamos gerando uma supermemória e com isso correndo o risco de nos embriagarmos nas águas do rio *Léthe*, que nos salvaria da dor da excessiva memória com tantas informações e arquivos circulando na rede mundial eletrônica?

Nesse sentido, Derrick de Kerckhove, abordando o problema da automação, afirma que: “Entrando na realidade virtual, as redes neurais nos levarão de volta à metafísica que nós rejeitamos tão alegremente em nome da objetividade da ciência”.⁸ Dessa forma, a complexidade da interação das redes neurais na realidade virtual implicaria em uma “reestruturação psicológica completa de nossos esquemas de pensamento coletivos e pessoais”.⁹ Julio Plaza, ao abordar o problema do meio e da memória, observa que as novas iconografias tanto conservam e transmitem as informações, como inovam os sistemas representacionais e de conhecimento, pois a “noção de enciclopedismo dá lugar à noção de memória”.¹⁰ Essa tendência inovadora serve - na referência que Plaza faz a Roman Jakobson - como o desejo de “comunicar os novos feitos do mundo físico e psíquico”.¹¹ O que atribui ao imaginário da cibercultura a infinitude da memória virtual em suas múltiplas relações e territórios fluidos, interconectando à memória na rede mundial, conforme verificamos em Vannevar Bush, ao conceber um método associativo de acúmulo de informações que as interliga e cria acessos à conexão na rede global.

O projeto *Xanadu*, de Ted Nelson, encarna a própria concepção do imaginário para a memória artificial, como um sistema informacional de hipertextos, criando assim uma imensa biblioteca eletrônica, interligando milhões de documentos. Esse megadocumento compreende a intersecção de redes neurais e das informações, que se cruzam, e que trazem à luz da *Mnemosýne* a revelação de conhecimentos arquivados e acumulados historicamente, como também memorizados eletronicamente, mas recuperados à memória dos arquivos digitais interconectados, que, na dicotomia entre Memória-Esquecimento, bebe tanto da água do rio de *Léthe* como da fonte de *Mnemosýne*.

Porque para o arquivamento das informações na memória artificial o esquecimento pode ser temido, onde haveria o fim da memória eletrônica em seus arquivos, sendo estes apagados por inúmeros motivos, desapareciam após serem deletados, ou então passariam à condição de transformação, de um devir de informações, códigos e linguagens assegurando o movimento

digital interconectado, fluido e nômade, espalhado por toda a rede em processo de transmutação e devir do espaço virtual. Porém, como movimentos cíclicos do pensamento mítico grego, memória e esquecimento retornam à vida, transformada em um devir do ser e da linguagem, através de *Mnemosýne* e sua relação com *Léthe*, revelada no canto das Musas. Nesse sentido, essa *maiêutica* no universo da cibercultura é compartilhada entre a experiência do pensamento interior humano com a interação que realizamos junto às máquinas, que nos auxiliam a pensar.¹²

Todavia, o par Memória-Esquecimento, em Hesíodo, compreende um tempo qualitativo, em que futuro e passado são a pré-destinação e a confirmação do oráculo. Recordamos assim sobre nossas atitudes humanas e re-aprendemos a respeito do conhecimento na relação entre futuro e passado. Conforme verificamos no canto das Musas:

Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas/ , por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso/ colhendo-o admirável, e inspiraram-me uns cantos/ divinos para que eu glorifique o futuro e o passado. (HESÍODO. Op. Cit, verso 29-32)

Sob esse aspecto, o projeto *Xanadu* transforma-se em um símbolo da glorificação do passado e da divinização do futuro. Por isso, o termo “Docuverse”, de Ted Nelson, adquire uma força no imaginário, ao romper as fronteiras da separação de documentos e registros, que antes jamais se conectariam. Porém, o significado simbólico de “biblioteca”, segundo a própria idéia concebida a partir da biblioteca de Alexandria, remete-nos à representação simbólica de “tesouro disponível” e de “experiência vivida e registrada”. Esse tesouro na biblioteca eletrônica de T. Nelson (uma versão pós-moderna da biblioteca digital de Alexandria) encontra-se oculto na memória vivida, e por isso mesmo precisa ser revelado no canto das Musas, para que o conhecimento venha à tona e revele-se na aparição da memória artificial. Não enquanto a consciência do seu passado, mas para a integração do ser com o todo, como observa Jean-Pierre Vernant: “o meio de escapar ao tempo e reunir-se à divindade”.¹³ Compreendendo, assim, que a memória das mídias¹⁴, sobretudo a memória artificial das máquinas inteligentes, espalhadas pela rede mundial, criam a interatividade do pensamento com os suportes eletrônicos em relação à integração do homem com o todo e na linguagem digital desterritorializam e informatizam a memória midiática à coletividade virtual.

Segundo M. Eliade, a matéria, ao proliferar-se, se reproduz, como no processo alquímico de

transmutação da matéria e de ferreiros das técnicas de fusão e fundição de minerais¹⁵. No caráter de representação, a palavra nomeia para a memória o objeto de referência mítico-ritual e nos casos de ritos das culturas onde a *bricolage*¹⁶ exemplifica a reflexão *mitopoiética*, assemelha-se conceitualmente ao sistema de referência, sobretudo ao que M. Eliade chama de “reatualização do tempo”, e, por conseguinte à condição da preservação da memória histórica nas culturas, ocorrendo esta pela repetição das narrativas tradicionais, que se manifestam diferentemente nos rituais de cada cultura especificamente, expressas na linguagem *mitopoiética* dos povos. Esses rituais reproduzem assim a atitude dos deuses e heróis míticos, onde as culturas procuram, através de narrativas imitar as ações do sagrado, para celebrar sua história na estética da *mitopoiésis*, estabelecer valores e crenças sócio-religiosas, registrar os fatos mitológicos, criar o elo entre os mortais e os deuses, integrar o ser ao todo e manter a sobrevivência da cultura.

No ritual, a liturgia rememora o conhecimento dos povos, acentua o entendimento das simbolizações, como também nos torna conscientes dos estados da criação dos bens culturais, valores e crenças mítico-religiosas. A socialização na comunidade torna-se mais intensa e necessária após a experiência de ritualizações das narrativas míticas. O exemplo da ritualização do casamento apresenta-nos o modelo de reprodução da hierogamia, a união entre o Céu e a Terra. A mulher é a Terra como as deusas que deram origem à cosmogonia (Gaia na Grécia Antiga) e o homem é o Céu (morada de Zeus no Olímpio). No Upanisad da cultura védica, durante a celebração do casamento, o homem afirma ser o Céu e a mulher a Terra: ambos encontraram nos gestos nupciais o modelo da hierogamia, da união cósmica, seguindo a tradição dos deuses, segundo a qual o homem recebe a mão da mulher e recita os poemas sagrados no tempo mítico.

Nesses rituais de união, o homem busca formas míticas para conectar e integrar profundamente o ser ao universo. Nesse sentido, observamos ainda na obra do grego Apuleio¹⁷, que o casamento de Eros com Psique, segundo o consentimento de Zeus – apesar da oposição da deusa Afrodite, mãe de Eros -, representa a união da Terra na figura mortal de Psique e do Céu na imagem do deus do amor, Eros. Esse encontro é celebrado nos rituais dionisíacos, convocados por Zeus na hierogamia dos amantes, ritualizando a integração cósmica de dois mundos. Assim, Psique é a alma que encontra a imortalidade com o deus do amor e dessa união nasce uma criança cujo nome é Volúpia.

Na China, os casais jovens, após a celebração matrimonial, deitavam-se sobre a relva na primavera, com o intuito de estimular a fertilização, pois a terra fértil é celebrada, na tradição, em rituais para a germinação da semente e cultivo do alimento¹⁸. Portanto, a união no casamento configura-se como um rito legitimado cosmicamente.

As experiências do inefável e do sagrado na consciência humana, ao encaminhar o homem aos acontecimentos primordiais, levam o ser ao estado daquilo em que ele se converte, narra a sexualidade, as criações e festividades, a vida emocional, a angústia diante da morte e a vida social e cultural dos povos. Se por um lado viver a narrativa mítica é uma experiência religiosa e cultural, por outro lado, essa vivência faz eclodir algo novo e forte, que se manifesta como um verdadeiro significado na existência cultural, como uma espécie de aprendizado para a manutenção e mudança de crenças e valores na sociedade.

Tratando-se da manifestação das narrativas de culturas em que a tecnologia eletrônica se faz proeminente, a oralidade não foi abolida completamente, nem tampouco a imprensa de Gutenberg foi abandonada. O que de fato pode ocorrer é uma hegemonia de um suporte em detrimento de outro. Nesse sentido, a memória, como elemento da narrativa, pode vir a ser auditiva, escrita ou eletrônica em suas expressões, cruzando entre si formas de manifestações durante o processo de comunicação cultural. Mas nas sociedades em que a tecnocultura predomina, por exemplo, a memória artificial que armazena o conteúdo das informações nos arquivos, e nos sistemas dos programas, interage com outras linguagens e destaca-se com hegemonia e autonomia, trazendo outro paradigma comunicacional, outra linguagem em forma hipertextual. Assim, a criação da *mitopoiésis* torna a herança cultural uma atualização ritualizada, que, no caso da poética em Hesíodo, instiga-nos a integrar o ser com relação ao todo e descobrir na linguagem as forças míticas, para o inefável do ser, vivenciando as narrativas e preservando nossa historicidade, sobretudo em uma história que mal começamos a fazer, mas se realiza na megamemória eletrônica da cibercultura e do esquecimento a que estamos sujeitos.

BIBLIOGRAFIA

- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles vol.1*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo, Mercuryo, 1992.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 2002.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo, Iluminuras, 2003.

KECKHOVE, Derrick de. Connected Intelligence – The arrival of the web society. In: *Somerville House Publishing a division of Somerville House Books Limited*. Toronto, Ontario, s/d.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1978.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe*. São Paulo, Cultrix, 1998.

_____. *Amor e psique: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina*. São Paulo, Cultrix, 1995.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). PUC/SP, 1998.

PLATÃO. *Diálogos: Banquete*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.

_____. *Fedro*. Trad. Alex Marins. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2004.

_____. *Fédon*. Trad. Miguel Ruas. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2004.

PLATÃO. *Diálogos: Mênon*, p. 85

PLAZA, Julio. As imagens de terceira geração, tecno-poéticas. In: André Parente (org.). *Imagem-máquina*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993, p 72 - 88.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

Notas

¹ Jean-Pierre VERNANT. *Mito e pensamento entre os gregos*, p.141.

² Jean-Pierre VERNANT. Op. Cit, p. 145.

³ “Se as Musas já vêm à luz na plenitude de seu ser e no desempenho de suas funções, entre este momento e as uniões de Zeus e Memória a um tempo de gestação marcado pela circularidade: ‘quando girou o ano e retornaram as estações/com as mínguas das luas e muitos dias completaram-se’ (vv. 68-9). A idéia temporal de *ano*, por si mesma já primitivamente ligada à de círculo (Lat. *Annus, anus* e *annulus*), exprime-se aqui redundantemente como um circuito, como um retorno cíclico”. (Jaa TORRANO. Estudo e tradução. In: HESÍODO. *Teogonia*, p. 32).

⁴ “Se as Musas já vêm à luz na plenitude de seu ser e no desempenho de suas funções, entre este momento e as uniões de Zeus e Memória a um tempo de gestação marcado pela circularidade: ‘quando girou o ano e retornaram as estações/com as mínguas das luas e muitos dias completaram-se’ (vv. 68-9). A idéia temporal de *ano*, por si mesma já primitivamente ligada à de círculo (Lat. *Annus, anus* e *annulus*), exprime-se aqui redundantemente como um circuito, como um retorno cíclico”. (Jaa TORRANO. Estudo e tradução. In: HESÍODO. *Teogonia*, p. 32).

⁵ “Se as Musas já vêm à luz na plenitude de seu ser e no desempenho de suas funções, entre este momento e as uniões de Zeus e Memória a um tempo de gestação marcado pela circularidade: ‘quando girou o ano e retornaram as estações/com as mínguas das luas e muitos dias completaram-se’ (vv. 68-9). A idéia temporal de *ano*, por si mesma já primitivamente ligada à de círculo (Lat. *Annus, anus* e *annulus*), exprime-se aqui redundantemente como um circuito, como um retorno cíclico”. (Jaa TORRANO. Estudo e tradução. In: HESÍODO. *Teogonia*, p. 32).

⁶ “Se as Musas já vêm à luz na plenitude de seu ser e no desempenho de suas funções, entre este momento e as uniões de Zeus e Memória a um tempo de gestação marcado pela circularidade: ‘quando girou o ano e retornaram as estações/com as mínguas das luas e muitos dias completaram-se’ (vv. 68-9). A idéia temporal de *ano*, por si mesma já primitivamente ligada à de círculo (Lat. *Annus, anus* e *annulus*), exprime-se aqui redundantemente como um circuito, como um retorno cíclico”. (Jaa TORRANO. Estudo e tradução. In: HESÍODO. *Teogonia*, p. 32).

⁷ Jean-Pierre VERNANT. Op. Cit, p. 158.

⁸ Derrick de KERCKHOVE. Op. Cit, p. 63.

⁹ Ibidem, pg. 63.

¹⁰ Julio PLAZA. As imagens de terceira geração, tecno-poéticas. In: André PARENTE (org.). *Imagem Máquina*, p. 79.

¹¹ Ibidem, p. 79.

¹² Para Derrick de Kerckhove: “O pensamento é geralmente considerado como uma experiência inteiramente interna. Isso pode mudar quando se começa a interagir com computadores que, em nosso lugar, nos ajudam a pensar”. (Derrick de KERCKHOVE. Op. Cit, p. 58).

¹³ Jean-Pierre VERNANT. Op. Cit, p. 164.

¹⁴ Um estudo realizado por Mônica Rebecca Ferrari Nunes sobre a representação e memória que os *mass mídia* fazem de catástrofes, violência coletiva, acidentes naturais e provocados, dentre outros. O exemplo que a autora cita é o do acidente aéreo da empresa TAM, em São Paulo, no ano de 1996, que vitimou a tripulação e passageiros, provocando um registro na memória emocional da catástrofe e elevando a memorização midiática aos documentos rituais das constelações funerárias sensacionalistas, criando um ato intimista, encenada da morte coletiva de máquinas que matam e máquinas que semiotizam de modo massificado publicamente. Por outro lado, em um primeiro momento, a mídia esqueceu de nomear os nomes das vítimas do acidente, evitando (por erro desproposital ou intencional) a singularização dos vitimados e privilegiando o contexto catastrófico da queda do avião com seres inominados, partes de um conjunto

de notícias, levados à condição de coisificação dos bens de consumo da sociedade capitalística. (Mônica Rebecca Ferrari NUNES. *A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto*. Tese - Doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 1998).

¹⁵ M. ELIADE. Ferreiros e alquimistas *apud* Ibidem, p.23-26.

¹⁶ O sentido do termo *bricolage* para este texto foi retirado dos estudos antropológicos de Lévi-Strauss, representando o *modus operandi* das estruturas mítico-ritualísticas, compreendidas em um plano intelectual das culturas ditas “primitivas”, para relações mítico-culturais e seus sistemas representacionais: “O *bricolage* é o que executa um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido e se afastam dos processos e normas adotados pela técnica”. (Claude LÉVI-STRAUSS. *O pensamento selvagem*, p. 37).

¹⁷ APULEIO. O Asno de Ouro. In: Erich NEUMANN. *Amor e psique: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina*.

¹⁸ Mircea ELIADE. *O mito do eterno retorno*, p.40

ENSAIO

GRAMÁTICA DA FANTÁZIA: O SURREALISMO NAS AULAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO

André Teixeira Cordeiro
Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia
Doutor em Literatura Brasileira

RESUMO: Este artigo trata do processo de criação de texto vivenciado pelo autor em 1993 durante um período de greve de professores. Trata-se de uma situação peculiar que proporcionou experiências que fundamentaram a construção de oficinas de criação de texto e poesia na Casa de Linguagem do Pará, onde o surrealismo foi empregado para se obter imagens oníricas e inconscientes para se alcançar convergências.

PALAVRAS-CHAVE: palavras elegantes, surrealismo e criações oníricas.

TITLE: Grammar fantasy: the surrealism in teaching the production of text

ABSTRACT: This article discusses the process of creating text experienced by the author in 1993 during a strike by teachers. It is a peculiar situation that provided experiences which motivated the construction of workshops to create text and poetry in the language of the House of Para, where surrealism was employed to obtain unconscious and dream imagery to achieve convergence.

KEYWORDS: elegant words, surrealism and dream-like creations.

*As palavras são películas
superficiais sobre águas profundas.
Wittgenstein*

Quando comecei o curso de Licenciatura em Letras, em 1993, na Universidade Federal do Pará (*campus* de Belém), aconteceu uma longa greve de professores e funcionários. Foram muitos meses sem aula, tudo estava fechado e os colegas, feitos muito recentemente, dispersaram-se todos. Não havia vestígios de coisa alguma, nada indicava uma certa orientação. Apenas um longo silêncio, tudo fechado. No entanto, um linguista e poeta, Alberto Jackson Teixeira da Costa¹, resolveu, numa atitude quixotesca, ministrar um curso de produção de texto. Era o que, na ocasião, se chamava ocupação de greve.

Mesmo com tanta dedicação, só três pessoas se inscreveram no curso: duas outras pessoas e eu. Dentre os inscritos, lembro-me bem, um foi o poeta Jônathas Santana e a outra pessoa, uma jovem estudante, já não recordo o seu sobrenome, chamava-se Regiane.

Palavras elegantes

As sessões de criação, prefiro tratá-las assim, eram ministradas nas longas varandas que circundam os blocos de salas de aula. Bem próximo às varandas, havia uma multidão de árvores, as paliteiras, que se esgalhavam como se fossem mãos gigantes. Havia o vento que varria o dia e trazia os sonhos da gente. Sentávamos os quatro em um círculo e Alberto nos apresentava as propostas: "Agora vamos jogar

a pedra no pântano!"². "O que é jogar a pedra no pântano?", alguém perguntava. E vinham as explicações e ele, antes de colocarmos tudo em prática, dava-nos muitos exemplos:

Neste jogo, a idéia era escrever a esmo. Lançar palavras que se "perdessem" dentro de uma palavra original, primeira. Dispõem-se as letras de uma palavra na vertical, acima foi utilizado o vocábulo pedra, e cria-se uma frase, um verso bem louco, algo que possibilite sonhar. É como se por trás de uma palavra existissem outras. É como jogar uma pedra na água. Surge um número sem fim de círculos onde a pedra foi lançada. Para iluminar uma palavra surgem novas palavras, um signo dá luz a um outro signo. "... A interpretação do signo não é para Peirce um significado, mas um outro signo; é uma leitura, não uma decodificação, e essa leitura tem, por sua vez, de ser interpretada em outro signo, e assim por diante *ad infinitum*..."³

Alberto nos apresentou, ainda, a escrita automática utilizada por Freud. A idéia era escrever, ininterruptamente, por cinco a seis minutos. Fazíamos poemas em versos ou textos em prosa. E depois líamos uns para os outros. Em ocasiões como esta, Alberto nos dava a conhecer poetas como Chacal e Ledusha, os quais lia numa voz nítida. Comentava o inusitado de suas metáforas. "A fitinha do Bonfim cor maravilha" - um verso de Ledusha, ainda ressoa na minha memória...

Nestas sessões, conhecemos também o binômio-fantástico (o cão-armário, mencionado por Gianni Rodari). A proposta é combinar duas idéias

dísparos e fazer delas, literalmente, uma terceira coisa. Com este binômio, lança-se a proposta de se criar narrativas, poemas. Pedem-se para que o grupo dê uma explicação onírica, busque um sentido a partir do binômio. Sobre a elaboração dos binômios, hoje em dia, tenho utilizado a técnica para a criação de poemas dos dadaístas⁴. Coloco muitas palavras num saco e, em seguida, os participantes das sessões retiram duas palavras e as combinam num binômio-fantástico.

Outra das muitas propostas de Alberto foi o poema do leque, uma técnica bastante conhecida por frequentadores de bares e é chamada, por isso, de "poema de barzinho". Pegam-se folhas ou lenços de papel e as pessoas devem dobrá-las como se fossem leques. Em seguida, cada um escreve um verso e o grupo deve ir trocando os leques entre si até quando todas as dobras estiverem preenchidas. Ao final, quando todos os leques estiverem cheios, cada um terá o seu poema. Abaixo, um dos poemas escritos com essa técnica em uma das sessões de 1993:

Invenções

Fazendo poses na cama
Eu invento esculturas
Que duram efêmeros segundos
Foi brincando assim
Que eu inventei o amor
Sopro quente
Esguicho morno no peito
Umbigo...

Criação coletiva: Alberto Jackson, Jônathas Santana, Regiane e André Cordeiro.

O surrealismo⁵ é, no século XX, uma surpreendente abertura para o irracional. Procura encontrar o segredo, ler o livro invisível, estabelecer as pontes capazes de unir o mundo dos sonhos e a realidade. Fantasia, sentimento de destruição e reconstrução (tanto artístico quanto social) estão na base desta estética alucinada, que marcou quase todos os campos das artes posteriores a ela. Depois da oficina de produção de texto, comecei a desenvolver um profundo respeito pelas criações oníricas. Com o tempo, passei a encontrar pontos de contato entre as técnicas aprendidas em 1993 e os movimentos de vanguarda como o dadaísmo e o surrealismo. E passei a pesquisar as técnicas e a me aproximar, também, da pintura e das artes plásticas em geral. Utilizar tudo isso em sala de aula foi uma possibilidade que surgiu quando comecei a ministrar oficinas na *Casa da Linguagem*, em 1997, e elas se estenderam até o primeiro semestre de 2003. No começo, foram cursos tímidos. As invenções viriam depois: a imensa vontade de reunir num curso várias linguagens: literatura, música, pintura, teatro,

cinema, fotografia, dança, sonho e fantasia... Trabalhar para que se estabelecesse um diálogo entre a literatura e as várias artes. Criar textos e explodir em muitas linguagens. Vivenciar vários sistemas. E o Surrealismo, um movimento em que predomina a invenção coletiva e a reunião das artes, serviria amplamente a estes objetivos.

A Casa da Linguagem é uma instituição pública da cidade de Belém, no Pará. Trata-se de uma ampla construção colonial, na qual são ministrados cursos livres e gratuitos de: desenho, literatura, pintura, dança, teatro, fotografia, cinema etc. O público das minhas oficinas era de adolescentes e jovens. Em geral, as turmas eram de 12 a 20 alunos. Meu maior objetivo era criar um ambiente agradável e amigável, em que as pessoas fizessem tudo coletivamente. Criar um lugar para se ficar muito tempo, para sonhar, para se confessar coisas e, se fosse o caso, como tantas vezes aconteceu, chorar também. Um lugar para se dizer, sem medo...

Sobre o trabalho em grupo, elemento direcionador da minha prática, é preciso mencionar o fato do movimento surrealista ter contribuído muito para romper com a noção de arte como uma invenção individual e ter proposto o trabalho coletivo. Um exemplo disto é o jogo do *cadavre exquis* (cadáver delicado), o qual "consiste em criar uma frase coletiva, sendo que o jogador desconhece o que o vizinho escreveu anteriormente. A primeira frase obtida - O cadáver delicado beberá o vinho novo - batizou o jogo."⁶ O *cadavre exquis* é similar ao jogo do leque, anteriormente apresentado. A proposta do primeiro é criar apenas uma frase, também se pode adaptar e criar um desenho com este jogo⁷, e a proposta do segundo é escrever um verso em cada dobra do leque e criar um poema.

Não é preciso nem dizer, utilizei todas as técnicas ensinadas por Alberto. E pesquisei outras, criei outras e outras. Abaixo, um poema, escrito por um grupo de adolescentes e jovens, em uma das sessões da Casa Linguagem:

Procura-se...

à *Martha Medeiros*

Rapaz inibido, desinibido, desiludido que não tenha medo do mundo
Estruturado ou desestruturado... Não importa
Magnético, energético, magnetizado
Envolvente, absorvente, ob... Fluorescente
Tentador, atentado ao pudor, catalizador
Atento, desatento às futilidades e leviandades
Formal, casual... muito mau
Para ser o tal no meu quintal
(Que corte a grama, lave a roupa, faça

biscoitos,
frite pastéis... Seja meu Amélio de
Verdade)

Para pura diversão

Para simples enganação

Para uma festa no cemitério

(Halloween!!!)

Para amor sem dor

Para fazer calor...

De cabelos revoltos, não oleosos

Que não faça *mega-hair*

E não pegue no meu pé.

Criação coletiva: Adriana Ábia, Elaine Brito,
Jaqueline e Telma Monteiro.⁸

Para a elaboração deste texto, foi realizada a seguinte proposta: foram dispostas, na vertical, palavras inusitadas e sugestivas. Em seguida, pedi para que desenvolvessem, em grupo, um verso para cada palavra. E o texto foi nascendo assim. O grupo de palavras foi o seguinte:

PROCURA-SE...

INIBIDO

ESTRUTURADO

MAGNÉTICO

ENVOLVENTE

TENTADOR

ATENTO

FORMAL

CABELOS REVOLTOS

PARA COMPROMISSO SÉRIO

PARA AMOR SEM DOR

PARA ...

Muitos participantes, logo no início das oficinas, apresentavam muitas dificuldades em relação à composição textual. Havia receio, medo. Eram frequentes frases do tipo: "Eu não vou fazer nada, eu não sei". "Eu não volto mais aqui!". "Eu não estou acostumado com isto!". No entanto, as primeiras atividades sempre eram mais curtas e isto facilitava bastante. O texto, acima, por exemplo, foi escrito num momento mais amadurecido. Algumas coisas ajudavam a liberar o sentimento poético do grupo: a pintura, o teatro, a música, o cinema (não vou tratar, especificamente, do cinema aqui, mas trabalhei com filmes como *O cão andaluz*, de Luis Buñuel).

Abstracionismo e encantamento

Numa tarde, eu trouxe muitos vidros de tinta guache, pincéis e ainda papel. Folhas bem grandes... Foi uma surpresa, pintura em aula de produção de texto! A turma foi dividida em grupos e foram feitos trabalhos abstratos, muito coloridos. Todos se sentaram, fizeram muitas formas com as mãos ou utilizaram folhas secas. As ranhuras das folhas decalcaram o papel. Ao fim da tarde, fadiga e manchas muito sugestivas.

Um dos trabalhos foi sorteado. Outros foram recortados e divididos, preciosamente, entre todos. Ainda com relação à pintura, eu lhes trazia reproduções, em pôsteres grandes ou livros, de todos os artistas possíveis. Tanto surrealistas quanto autores com eles relacionados, como Bosch, Marc Chagall ou Van Gogh. E uma das propostas frequentes era a criação de poemas e narrativas a partir de quadros:

4 Girassóis para Van Gogh

Cadeira, mesa e cama

que mais pode querer

uma solidão vangoghiana ?

Fúria e agonia

campo minado de genialidade

Van Gogh arde em azul e amarelo

Às vezes luz ora lamina de punhal

meu desejo

Vivo girassol singra pela tarde

Realismo fantástico que me cegou

- Estou encantada

Telma Monteiro

Quem matou Joana Darc?

Sobre o teatro, eu procurava sempre o recurso da voz e do corpo. Contava histórias, narrativas de fadas, aventura ou encantamento. Aranhas gigantes, na mais alta torre do Castelo de Vidro, teciam fios mágicos e, nesta ocasião, envolvia toda a turma com serpentinas coloridas. Outras vezes, propunha criações coletivas de histórias oralmente. Muitos objetos em uma sacola plástica, eu iniciava a história: "Era uma vez um menino que queria conhecer o mundo, mas não tinha nenhum vintém e daí...". A sacola passava de mão em mão, enquanto uma música ritmada tocava e, quando a música parasse, quem estivesse com a sacola deveria retirar um objeto e continuar a história a partir do que estivesse em suas mãos. E, assim, tudo prosseguia até a sacola esvaziar. A história, por conta do inusitado e da surpresa provocada por cada novo objeto, enveredava pelo campo do sonho. Outra possibilidade era distribuir pequenos trechos de peças de teatro e propor uma encenação ou sugerir que lessem textos rindo e depois chorando. Ou ainda que lessem um texto como se fossem narradores de um jogo de futebol. Outras vezes, eram sorteadas frases dramáticas ou divertidas e eles deveriam dizê-las com toda a força dos pulmões: Quem matou Joana Darc?

Os sons da natureza

Outra coisa que foi trazida, largamente, para o contexto das aulas, foi a música instrumental: música erudita, sons da natureza ou compositores como Kitaro. A música era, religiosamente, parte do início das aulas, durante as sessões de escrita automática. Eles escreviam durante cinco ou seis

minutos, livremente, e depois liam o texto em voz alta. Era um texto escrito não para ser revisado pelo professor como, por se tratar de uma aula de criação de texto, ele se dava com as outras coisas escritas. Este era um texto realmente livre e sagrado. Estava totalmente fora de quaisquer regras. Era um texto escrito para ser lido em voz em alta. Era um texto deles, todo deles.

Partindo da música e da contemplação interna que ela nos possibilita, propunha, também, a leitura de haicais. Esse tipo de composição não é originária do movimento surrealista, mas as atividades fundamentavam-se, sobretudo, numa busca interior e os haicais se coadunaram, perfeitamente, com essa procura. Os pequenos poemas japoneses de 3 versos descrevem as belezas das estações: primavera, verão, outono e inverno. Através deles o poeta produz cromos, uma verdadeira pintura com palavras. Inicialmente, eles liam muitos haicais uns para os outros e, em seguida, eram convidados a ir contemplar a beleza do jardim, da escada de pedra, do pequeno coreto no centro. Sentir a suavidade das folhas, ouvir mais calmamente o vento... Em seguida, era escrever os pequenos versos⁹, descrever os detalhes. Encontrar a beleza interna das formas visíveis. Ouvir o barulho das folhas caindo, do caminhar lento de uma lagarta. Entregar-se à natureza, senti-la... Depois, já em sala, eles liam os poemas escritos ao som de música instrumental japonesa. Em uma dessas oficinas, foi gravada uma fita cassete no dia da atividade. Todos se ouviram, uma bela surpresa...

Para muitas pessoas o surrealismo é, apenas, o que vem ditado do inconsciente, de forma quase mediúnica - o que é corroborado pelas primeiras afirmações feitas pelos próprios surrealistas, como o conceito de surrealismo, sob a forma de verbete de dicionário, citado neste artigo. No entanto, o surrealismo é, sobretudo, uma poética de liberdade e está fundamentado na reunião de opostos, das idéias contrárias:

É ainda o Surrealismo o grande propiciador de súbitas convergências [...], com uma racionalidade que o põe longe de qualquer culto do irracional, ao contrário do que se poderia pensar à primeira vista. Ao afirmar a importância do inconsciente e do irracional, o Surrealismo procede com método,

transformando-os em objeto de pesquisa, praticando uma investigação minuciosa de muitas faces da realidade.¹⁰

O surrealismo é empregado sobretudo como um princípio para se chegar a imagens oníricas e inconscientes. É o encontro do guarda-chuva e da máquina de costura sobre a mesa de cirurgia, de que fala o conde de Lautréamont, em seus *Chants de Maldoror*. Desta forma, em busca das "súbitas convergências" e do grau de encantamento que isto pudesse provocar entre os participantes é que foram pensadas as atividades. A proposta não era colocá-los para escrever como se fossem médiuns realizando psicografias. Mas levá-los a experienciar o princípio do surrealismo, baseado na reunião dos contrários e na LIBERDADE.

AMOR, POESIA E LIBERDADE são as linhas fundantes do surrealismo¹¹. E foi esta toda a procura que almejei desenvolver com os grupos durante aqueles encontros. Sendo assim, palavras da bailarina Isadora Duncan, que não foi uma surrealista, mas uma pessoa que procurou expressar o AMOR: "Coloquem suas mãos no coração como eu faço e escutem sua alma, e todos saberão dançar tão bem quanto eu."¹²

BIBLIOGRAFIA

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Duas cidades, 1997.
- DE MAN, Paul. *Semiologia e Retórica*. In: *Alegorias da leitura*. Tradução de Lenita Esteves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- DUNCAN, Isadora. *Minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- LIMA, Sérgio. *A aventura surrealista*. São Paulo: Editoras da Unicamp e Unesp / Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- REBOLÇAS, Marilda de Vaconcelos. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

Notas

¹ Este artigo, sob o formato de um pequeno relato de experiência, foi também a maneira encontrada para homenagear a figura humana e desconhecida deste funcionário da reitoria da UFPa, falecido há alguns anos. Texto publicado em 2005 na *Leitura em revista*, jan./jun., RS.

² A maioria dos jogos, utilizados por Alberto, foram extraídos da obra: RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

³ DE MAN, Paul. *Semiologia e Retórica*. In: *Alegorias da leitura*. Tradução de Lenita Esteves. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 23.

⁴ O movimento dadaísta surgiu em 1916, em Zurique, e era formado por jovens artistas franceses e alemães. Eles fugiram de seus respectivos países para não serem convocados para a I Guerra Mundial. O movimento, liderado por

Tristan Tzara, é um grande atitude de contestação aos valores políticos e artísticos. Dentre as técnicas sugeridas por eles para a criação de um poema, existe a seguinte: colocar várias palavras num saco e depois tirá-las aleatoriamente. O resultado seria um poema dadaísta. O dadaísmo é considerado um movimento precursor do surrealismo.

⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997. P. 485: "O termo "surrealista", porém, deve-se a Guillaume Apollinaire, que o empregara na caracterização de sua farsa *Les mamelles de Tirésias* (1917), subintitulando-a *drame surréaliste*. A trajetória histórica do Surrealismo teve início em dezembro de 1924, com o lançamento do periódico *La Revolution surréaliste*, que inseria o primeiro manifesto elaborado por Andre Breton, no qual se expunha o programa estético do movimento e se lhe definia o significado em forma de dicionário: SURREALISMO: s.m. Automatismo psíquico puro por cujo intermédio se procura expressar, tanto verbalmente como por escrito ou qualquer outro modo, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, com exclusão de todo controle exercido pela razão e à margem de qualquer preocupação estética ou moral."

⁶ REBOLÇAS, Marilda de Vaconcellos. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986, p. 89.

⁷ O desenho, através do *cadavre exquis*, foi muito praticado pelos surrealistas. Há desenhos bastante conhecidos feitos, conjuntamente, por Andre Breton e seus companheiros. O resultado é sempre uma figura quimérica.

⁸ O textos e a pintura, utilizados neste artigo, resultaram de uma oficina ministrada na Casa da Linguagem no segundo semestre de 2002. As oficinas tinham, sempre, a duração de um mês.

⁹ Originalmente, o haicai é um poema constituído de três versos, dos quais dois são pentassílabos e um, o segundo, é um heptassílabo. No entanto, nesses cursos de criação de texto, foi abolida a contagem de sílabas poéticas.

¹⁰ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Duas cidades, 1997, p. 88.

¹¹ LIMA, Sérgio. *A aventura surrealista*. São Paulo: Editoras da Unicamp e Unesp / Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 206: "O Amor, essa luz na grande vertente da aventura humana, tem sido cantado e vivido no Surrealismo como uma revelação. O Amor, ao lado da Poesia e da Liberdade, forma esse triângulo essencial que passou a se constituir na própria divisa do Movimento Surrealista."

¹² Ver: DUNCAN, Isadora. *Minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

RESENHAS

NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

As novas tecnologias da informação e a educação à distância.

ROSINI, Alessandro Marco. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

Rafael Annunziato Neto

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas Santa Rita de Cássia

Mestre em Educação

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão crescendo de forma exponencial e criando grandes vias de informação, redes de comunicação no ciberespaço de tal forma que todos podem acessar o conhecimento em tempo real, em uma escala planetária, além de aprender coletivamente em um ambiente caótico aparentemente sem controle que está transformando rapidamente as novas vidas.

A massificação do uso da informática, os sistemas de informação começam a fazer parte do nosso dia a dia. No caso dos bancos, quem não consegue utilizar um terminal de auto-atendimento pode se passar como um analfabeto digital.

O autor (p. 3) define que “[...] a sociedade global do conhecimento, a geração e uso de inteligência e inovações em ciência e tecnologia são os meios utilizados para agregar valor aos mais diversos produtos [...]”, exigindo cada vez mais das pessoas e dos processos de disseminação do conhecimento para gerar cada vez mais conhecimento. O desafio atual da humanidade é direcionar redes de aprendizagem e inovação que somadas com a sinergia do ciberespaço, podem criar vantagens mútuas, em que a gestão estratégica do conhecimento torna-se uma ferramenta importante para o sucesso em esfera global.

O autor (p. 5) afirma que “o indivíduo moderno deve apresentar uma capacidade sistêmica não só para a organização e seus processos internos, que são inter-relacionados (com ou sem sistemas de informação), mas para com todo o ambiente”, esta idéia impulsiona a educação que deve encontrar espaços e novas formas de preparar o indivíduo para o futuro.

O cenário em que foi desenhado o contexto global está baseado nas propostas de Peter Drucker, Sveiby, Davenport e Prusak, autores que na década de 90 tratavam da questão do capital intelectual como um novo marco na evolução da humanidade. Os conceitos apresentados expõem a

intelectualidade como o fator de produção de riqueza e desenvolvimento econômico, antes centrado nos bens de produção.

Destaca-se a questão da cultura organizacional ao citar Srour, Harman & Hormann e Schein para indicar que as organizações são resistentes a mudanças e que uma nova liderança e um novo tipo de indivíduo deverão ser formados para lidar com todas estas variáveis econômicas, sociais e ambientais.

O autor navega pela teoria da Complexidade para indicar novos modelos de compreensão da realidade, trafegando por Moran, Kant, Wiener, Prigogine, Maturama, entretanto ao citar Capra demonstra que tentou trabalhar com autores contemporâneos que apontam idéias antagônicas para explicar o novo cenário que se aproxima.

O autor quando cita a frase de Lévy (1998) “[...] estamos entrando na era do trabalho intensivo de equipes flexíveis e interdisciplinares, conectados por redes que vivem em espaços virtuais totalmente interativos e compartilhados; portanto, onde surge algo que poderíamos chamar de inteligência coletiva extremamente dinâmica e auto-organizada”, procura demonstrar que estamos vivendo a incerteza em um ambiente altamente complexo, onde precisamos rever os nossos valores humanos, religiosos, artísticos & estéticos, ecológicos, filosóficos & éticos para revitalizar a vida e a sociedade, onde o novo imperativo é o conhecimento.

O aprendizado é um elemento crucial para a sociedade e para tratar do assunto, ele destaca as idéias de Senge, afirmando que o aprendizado real está diretamente relacionado com o processo gerador de vida. Destaca que a transferência do aprendizado individual para a organização e sociedade é eficiente na medida em que os indivíduos tornam explícitos os seus modelos mentais.

Cita D'Ambrosio na sua definição de educação como uma estratégia da sociedade que conduz o indivíduo ao desenvolvimento do potencial e aperfeiçoar suas ações comuns. Destaca as idéias de Lévy sobre educação e cibercultura, considerando que há necessidade de analisar as relações de poder para refletir sobre os sistemas de educação. As tecnologias resultantes oferecem: formas de acesso à informação, novos estilo de raciocínio e conhecimento, em que o educador deve ir além, deve disseminar valores.

A UNESCO tem se esforçado para estabelecer os fundamentos de uma nova educação, capaz de construir a paz por meio do respeito à diversidade. Esta proposta exige uma escola como uma agência de cidadania para formar pessoas lúcidas, sem preconceitos, capazes de operar a solidariedade. O autor (p. 59) afirma que “a educação de qualidade [...] acrescenta aos conhecimentos adquiridos um sentido ético e solidário”.

A questão do aprender a aprender é apresentada como uma capacidade que contribui para a efetivação de mudanças, principalmente quando houver novas tecnologias.

A educação à distância depende das plataformas que são desenvolvidas, devendo reformular alguns paradigmas em particular os relacionados com a produção do saber e sua comunicação. O autor (p. 65) destaca “[...] estão sendo desenvolvidas soluções completas de *e-learning*¹, mais direcionadas para a formação corporativa” na academia os conteúdos são produzidos pelos docentes, enquanto que nas corporações os pacotes incluem funções de aconselhamento, consultoria e serviços de apoio.

A educação à distância é uma alternativa do processo ensino e aprendizagem, pois oferece um novo modelo de comunicação e de didática. Trata-se de uma frente que se abre nesta educação que é a aprendizagem colaborativa, propiciada por um ambiente centrado no aluno e no processo, enquanto que na tradicional é centrada no professor.

O educador do século XXI deverá transformar o seu próprio comportamento, tendo em vista a cultura não será apenas formar, mas incentivar seus alunos a uma aprendizagem participativa e evolutiva. Este novo processo deverá ser fundamentado em uma nova forma de pensar e fazer educação, considerando uma consciência coletiva que produza o saber. Os itens mais significativos para serem considerados na produção de cursos à distância são: compromissos com gestores, desenho do projeto, equipe profissional, comunicação, recursos, infraestrutura, avaliação continuada, transparência e sustentabilidade.

Um novo indivíduo deve surgir e ser chamado de cidadão planetário por conta de suas habilidades, responsabilidades em uma sociedade movida por tecnologias da informação e comunicação, considerando os valores éticos em um mundo cada vez mais complexo.

O autor ao condensar as principais idéias que tratam da complexidade, entra na concepção de sistemas destacando que a metodologia de sistema de informação é útil na solução de problemas e desenvolvimento de projetos organizacionais que aumentam a da produtividade, afirmando

[...] a tecnologia deve ser encarada como uma ferramenta que auxilia o indivíduo em seu trabalho, provendo-o de uma maior qualidade de vida, bem como aumentando sua própria satisfação, tanto em sua vida pessoa como profissional. Dessa maneira, e sustentado por educação com base na qualidade e na justiça, o próprio indivíduo estará colaborando com o restante da sociedade, contribuindo com a sabedoria coletiva do planeta em que vivemos, pois a implementação de novas tecnologias do conhecimento nas organizações depende única e exclusivamente das pessoas de boa vontade, dotadas de valores individuais e coletivos construtivos.

Notas

¹ Educação à distância

NORMAS EDITORIAIS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista Santa Rita tem por finalidade publicar artigos acadêmicos de seus professores, seus alunos e outros colaboradores no intuito de difundir o conhecimento, promover a integração acadêmica e estabelecer um espaço no qual o professor possa manifestar o resultado de sua produção intelectual e profissional. A Revista Santa Rita é publicada semestralmente e sua difusão é tanto interna quanto externa.

Os textos enviados serão submetidos ao Corpo Editorial, que dispõe de plena autoridade sobre a conveniência da publicação e poderá decidir pela aceitação ou não do trabalho eventualmente sugerir alterações de estrutura ou conteúdo ao(s) autor(es). As idéias e conceitos serão de exclusiva responsabilidade de seus autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da revista.

Os trabalhos deverão ser entregues em disquete - de preferência em Word 6.0 ou maior - sem qualquer tipo de formatação, acompanhados de uma cópia impressa em lauda padrão; ou deverão ser enviados para o endereço eletrônico: revistasantarita@santarita.br, gravados em formato.doc e acompanhados por uma autorização de publicação em separado que deverá ser ratificada após a aceitação do trabalho.

O envio dos trabalhos implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos de publicação para a revista. O autor continua a deter todos os direitos autorais para publicações posteriores do artigo, devendo, se possível, fazer constar a referência à publicação na revista.

Os créditos dos autores deverão ser apresentados abaixo do título do trabalho, contendo: nome do(s) autor(es), nome da instituição de origem, titulação e profissão.

Os textos deverão ser regidos de acordo com as normas da ABNT, digitados em fonte Arial 12, com espaçamento 1½, justificado. As margens devem ser: superior 3 cm; inferior 2 cm; esquerda 3 cm; direita 2 cm. As notas explicativas devem ser apresentadas no final do texto. Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos bem como a exatidão das referências bibliográficas e toda a revisão ortográfica são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).

O artigo deverá ser estruturado da seguinte forma: título, créditos, resumo e de três a cinco palavras-chave (e os seus correspondentes em outra língua - inglês, francês, espanhol ou alemão) e o texto, que poderá se estruturar em: considerações

iniciais (temática, justificativa, objetivos e metodologia), argumentação teórica, resultados, considerações finais, referências bibliográficas e notas.

As citações com mais de 3 linhas, devem aparecer em parágrafo recuado, com espaço 1 e fonte 10, seguidas de parêntese contendo o sobrenome do autor do referido texto em letras maiúsculas, ano de publicação e página do texto citado; as com menos de 3 linhas devem ser incorporadas ao texto, entre aspas.

Os artigos devem ter no mínimo 2.500 e no máximo 25.000 palavras, e as resenhas, no máximo 1.000 palavras. O resumo deve ter no máximo 250 palavras. As ilustrações devem vir prontas para serem impressas - dentro do padrão geral do texto e no espaço a elas destinado - e deverão ser identificadas com título ou legenda. As referências bibliográficas devem estar de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023), por exemplo:

- Livros no todo: SELESKOVITCH, Danica & LEDERER, Marianne. *Interpréter Pour Traduire*. Paris: Didier Érudition, 1984.
- Partes de livros: PINTO, Álvaro Vieira. "A definição da pesquisa científica". Em *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 441-459.
- Trechos em obra coletiva: SEWELL, Penelope & HIGGINS, Ian. Introduction. In: SEWELL, Penelope & HIGGINS, Ian (eds.), *Teaching Translation in Universities. Present and Future Perspectives*, London: CILT, 1996. p. 9-14.
- Artigos de periódicos: CHESTERMAN, Andrew. From 'Is' to 'Ought': Laws, Norms and Strategies in Translation Studies. *Target*, Amsterdam, v. 5.1, p. 1-20, 1993

O Corpo Editorial não se obriga a publicar, em qualquer momento, toda e qualquer colaboração que lhe for remetida. Os textos que não estiverem de acordo com as Normas Editoriais serão devolvidos para que sejam feitas as devidas alterações. Os trabalhos recusados serão devolvidos aos autores desde que requeridos.